

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

NATÁLIA MACHADO RAHAL

**A AGRESSIVIDADE E O
BULLYING NAS AULAS DE
EDUCAÇÃO FÍSICA:
A visão do Professor**

Campinas
2007

NATALIA MACHADO RAHAL

**A AGRESSIVIDADE E O
BULLYING NAS AULAS DE
EDUCAÇÃO FÍSICA:
A visão do Professor**

Trabalho de Conclusão de Curso
(Graduação) apresentado à Faculdade de
Educação Física da Universidade
Estadual de Campinas para obtenção do
título de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Professora Doutora Elaine Prodócimo

Campinas
2007

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA
PELA BIBLIOTECA FEF – UNICAMP**

R129a

Rahal, Natalia Machado.

A agressividade e o bullying nas aulas de educação física: a visão do professor / Natalia Machado Rahal. – Campinas, SP: [s.n.], 2007.

Orientador(a): Elaine Prodócimo.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

1. Educação Física. 2. Agressividade. 3. Bullying. 4. Violência. 5. Escola. I. Prodócimo, Elaine. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.

asm/fef

NATALIA MACHADO RAHAL

**A AGRESSIVIDADE E O BULLYING NAS
AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA:
A visão do Professor**

Este exemplar corresponde à redação final do Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) defendido por Natália Machado Rahal e aprovado pela Comissão julgadora em: 29/11/2007.

Professora Doutora Elaine Prodócimo
Orientador

Rubens Venditti Júnior
Banca Examinadora

Campinas
2007

“Atualmente a matéria mais difícil da escola não é a matemática ou a biologia; a convivência, para muitos alunos e de todas as séries, talvez seja a matéria mais difícil de ser aprendida”.

Cleo Fante

Dedicatória

Dedico este trabalho às minhas avós, Maria Zaida Veloso Rahal e Salomé de Melo Machado que, como exemplos de grandeza, me ensinaram a batalhar e a perseverar mesmo quando tudo não ocorre da maneira como queremos, sempre me dando o apoio necessário e o amor incondicional. Ao meu avô Suhail Rahal (*in memoriam*), o maior exemplo de humildade e sabedoria que já tive. Sei que o senhor teria muito orgulho de mim.

Agradecimentos

Agradeço a todas as pessoas que me apoiaram nessa jornada e que continuam me ajudando a trilhar meus passos por um bom caminho.

A todos os meus tios e primos e, principalmente a meus pais, Grace e Elmer, que me sustentaram de todas as formas possíveis, com muito amor e me ensinando a não desistir. Sempre me apoiando mesmo quando as decisões que eu tomava não eram as mais corretas.

Aos professores da FEF, por despertarem em mim a vontade de ser uma profissional melhor, mesmo quando meu trabalho não for valorizado. Em especial à minha orientadora Elaine Prodócimo por ter sido como uma mãe pra mim, me incentivando a correr atrás dos meus sonhos, mesmo que pra isso eu tenha que “começar do zero”.

Aos meus irmãos, Guilherme, Salma, Adhara e Mariana, que, de uma forma ou de outra, foram minha alegria. Exemplos de fidelidade e cumplicidade.

Aos Leitões, Josú, Fillipe, Titica, Brunim, ao NSMV e a todos os amigos de Goiânia, amigos mais chegados que irmãos que têm me acompanhado, mesmo sendo à distância. Obrigada pelo amor e carinho que vocês sempre tiveram comigo.

À turma 04 diurno da FEF, onde compartilhei momentos de riso e de choro. Lú, Pri, Thatão, Vivi, Pilha, Flora, Lígia, Leão, Jota, Badur, Césinha, Koto, Vanesson, Du, Xexel, Pizani, Mendonça... Amizades que jamais serão esquecidas. E a todos os companheiros Fefianos que cruzaram meu caminho e de alguma forma contribuíram pra que eu me tornasse uma pessoa melhor.

Ao Cardume: Cris, Ka e Polly. Vocês estarão sempre em meus corações e serão lembradas com um amor muito grande. Personalidades totalmente diferentes, mas se completando em uma amizade eterna.

À Paulinha, minha parceira, minha confidente, companheira de quarto e de baladas. Tatiana, madrinha amada. Obrigada por tudo que vocês me ensinaram, meninas. “Três gerações e um único destino até que...” o resto vocês já sabem.

Aos companheiros de CDF: Paulinha, Flor, Mari, Elya, Rê, Lê, Stelinha, Gu e Moreno. Momentos inesquecíveis ao lado de vocês. Agora estamos separados, mas aquela casa e suas lembranças sempre serão o nosso elo. “Sapo, perereca e rã...”.

Ao Handbuccho por todos os jogos, reuniões e momentos maravilhosos que passei ao lado de vocês. O handebol se tornou muito mais do que um esporte pra mim, mas uma vida que eu ainda não conhecia. Obrigada por fazerem parte disso.

Às Filis da minha vida. Kiki, Tuca, Carla e Laricosa. “Bar da Coxinha toda quinta-feira!”. FOREVER!

RAHAL, Natália. **O Bullying e a Agressividade nas aulas de Educação Física: A visão do Professor.** 2007. 62f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

RESUMO

O tema deste trabalho é a agressividade e o Bullying vistos na escola e suas manifestações durante as aulas de Educação Física e tem por objetivo analisar a compreensão que o professor de Educação Física da rede estadual de ensino do município de Campinas tem sobre estes componentes sociais. A metodologia usada aqui é a Análise de Conteúdo, descrita por Bardin (1977), de entrevistas semi-estruturadas, realizadas com os professores, gravadas e transcritas posteriormente. Tivemos um total de sete professores entrevistados, devido ao esgotamento observado nas respostas dos sujeitos. Nos resultados percebemos que os professores consideram a agressão um elemento incorporado nas famílias e, dessa forma, manifesto com muita frequência durante as aulas de Educação Física, independentemente do tipo (direta ou indireta). A maioria dos sujeitos não crê haver uma diferença tão grande na frequência dos casos de violência quando falamos em idade e sexo, mas é notável uma variante na forma e tipo da agressão. Com relação ao Bullying, todos os professores, em algum momento de suas carreiras, foram apresentados ao tema, entretanto apenas alguns demonstraram realmente saber do que se trata e, ao serem questionados sobre a ocorrência deste tema em suas aulas e nas escolas apenas um dos entrevistados disse que não identifica esse elemento em suas aulas. Sobre a forma de lidar com as ocorrências de agressões nas aulas percebemos um certo desânimo por parte de alguns professores, eles relatam que não sabem muito o que fazer além de tentar uma conversa de reconciliação entre as partes envolvidas em um ato violento, ou mandar os alunos para a diretoria. Logo, concluímos que os professores necessitam de uma formação continuada para melhor auxiliá-los quando situações difíceis como essa surgirem durante as aulas.

Palavras-Chaves: agressividade; violência; bullying; Educação Física; escola

RAHAL, Natália. O Bullying e a Agressividade nas aulas de Educação Física: A visão do professor. 2007. 62f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

ABSTRACT

This paper is about aggressiveness and the Bullying in school and how it appears during the Physical Education classes. The objective is to analyse the understanding of the Physical Education teachers at a State school in Campinas. The methodology used is the Content Analysis, of semi-structured interviews, developed by Bardin (1977). Seven teachers were interviewed, and the interviews were recorded and transcribed afterwards. Throughout the results, we could observe that teachers consider aggression a feature of the student's family and that explains the frequency it is shown in the Physical Education classes. Most of them do not believe that there is a difference regarding age and gender. All the teachers have got into contact with the Bullying theme at some point in their careers, though just a few seemed to know what it is about. Only one of them answered that Bullying does not occur in his/her classes. Discouragement of some teachers regarding the occurrence of aggression in the class has been noticed. They say that they don't know what to do in this situation, but to talk or send the bullied and bullier to the Principal's office. Finally, this paper concludes that teachers need a continuous education to improve their skills to deal with difficult situations in class, such as Bullying.

Keywords: aggressiveness; violence; bullying; Physical Education; school

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABRAPIA	Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência
FEAC	Federação das Entidades Assistenciais de Campinas
FEF	Faculdade de Educação Física
OMS	Organização Mundial de Saúde
OPAS	Organização Pan-Americana da Saúde
PETROBRAS	Petróleo Brasileiro
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância

SUMÁRIO

1 Introdução	10
1.1 Objetivo	11
2 Revisão	12
2.1 Agressividade e Violência.....	12
2.2 Agressividade e Violência na Escola	16
2.3 O Bullying	19
3 Metodologia	21
3.1 Sujeitos.....	22
3.2 Coleta de Dados.....	22
4 Resultados	24
5 Considerações Finais.....	41
Referências Bibliográficas.....	45
Anexos.....	47

1 – Introdução

A violência na escola é um tema que muito preocupa os que estão envolvidos no sistema de ensino brasileiro. Encontramos no cotidiano da vida em sociedade diversas formas distintas, umas mais severas do que outras, de agressão aos cidadãos. Por exemplo: ao sermos intimidados por nossos chefes; sermos obrigados a enfrentar filas em órgãos públicos por falta de competência do governo; ao vermos que os profissionais da área da educação não recebem um salário digno e nem as condições necessárias para facilitar seu trabalho etc. Estes e diversos outros exemplos de insultos, humilhações e intimidações poderiam ser discorridos por inúmeras linhas, mas este não é nosso objetivo. A nossa meta é lembrar que quando somos influenciados por esses tipos de atitudes, direta ou indiretamente também podemos passar a demonstrar tais atos. Sendo isto transmitido a todos que nos rodeiam, principalmente nossas crianças.

Apesar de a violência muitas vezes chocar àqueles que a presenciam, notamos práticas que são agressivas, mas passam despercebidas diante de nossos olhos, pois já nos acostumamos a elas. Práticas como um apelido pejorativo a alguém, o que fisicamente não fere, mas deixa marcas para o resto da vida daquela pessoa. Outro fato ao qual devemos dar uma atenção maior é a nossa quietude por nos sentirmos ameaçados para combater a violência que enfrentamos diariamente. Há alguns anos na cidade de Goiânia, estado de Goiás, um crime absurdo foi cometido quando dois rapazes apostavam um “racha” durante a madrugada. Uma jovem dirigia seu carro e, ao reduzir para passar por uma lombada atrapalhou um dos “competidores”, que sacou uma arma e atirou na cabeça dela. Quais seriam as medidas necessárias para evitar esse tipo de caso? Evitar dirigir de madrugada? Tirar a carta de motorista dos apostadores de “racha”? Provavelmente sim, mas atingirmos apenas a consequência não soluciona o problema. O que leva um ser humano a atirar sem misericórdia em alguém ou ridicularizar um colega a ponto de humilhá-lo frente a tantos outros? Os problemas relacionados à educação de crianças e jovens são os que mais me preocupam e, quando me refiro à educação, não restrinjo apenas a educação escolar, mas a educação conjunta fornecida pela sociedade.

O meu interesse em pesquisar esse assunto começou no momento em que presenciei, na escola onde sou estagiária, um ato que me chocou. Uma das crianças da terceira

série do ensino fundamental acidentalmente atingiu a cabeça de uma colega, que começou a chorar muito. Ao perceber o que havia acontecido imediatamente a “agressora” pediu desculpas e alegou ter sido um acidente. Quando esta retornou para seu lugar foi surpreendida com um soco na cabeça, dado pela colega. A professora da turma teve que segurar uma das meninas para que nada mais grave acontecesse. Quando fui conversar com a aluna que deu um soco na outra por se sentir agredida, mesmo quando a colega pediu desculpas, falei que achava que a mãe dela não ficaria feliz ao saber daquele evento. Ela se levantou e, ainda chorando, disse: “Minha mãe falou que, quando eu apanhar devo revidar”. Com aquelas palavras fiquei completamente desarmada e nenhum outro argumento meu faria mudar a mente da menina naquele momento. Se uma criança chega à escola com este tipo de pensamento a escola fica muitas vezes com as mãos atadas em relação à situação.

Creemos que o assunto tratado neste trabalho seja de extrema importância para os profissionais da área da educação em geral e, mais especificamente, da educação física, pois abordaremos aqui algo do cotidiano de milhares de professores, não só da rede pública, mas em todo o âmbito educacional e também na sociedade. Buscamos questionar o professor sobre o que ele presencia e vê relacionado à agressividade e ao Bullying, diariamente em suas aulas, se ele percebe tais elementos incorporados à vida diária das crianças e, principalmente sobre como lidar quando a violência chega dentro de sua aula de educação física e em suas atividades.

1.1 – Objetivo

Este trabalho tem por finalidade analisar a compreensão que os professores de Educação Física da rede estadual de ensino no município de Campinas têm sobre a agressividade e o Bullying e a forma com a qual ele lida com as situações de agressividade em suas aulas.

2 – Revisão

2.1 – Agressividade e Violência

Percebemos diariamente o ambiente violento e agressivo que existe em nossa sociedade. A todo momento vemos no noticiário reportagens sobre a famosa e temida “onda de violência”, e temos medo de que essa “onda” chegue dentro de nossas casas e atinja nossa família. Entretanto, o que raramente notamos é que essa realidade já está dentro de nossos lares.

De acordo com o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa a *agressividade*, do ponto de vista de Sigmund Freud (1856 – 1937), é um “conjunto de tendências presente em todos os indivíduos, que se manifesta em comportamentos reais ou fantasiosos que objetivam prejudicar, destruir ou humilhar o outro” e a *agressão*, segundo o psicólogo suíço Alfred Adler (1870 – 1937), é vista como um “ato ou atitude hostil, geralmente decorrente da frustração ou de sentimentos de inferioridade” (Dicionário Houaiss, 2001, p. 120).

Alguns autores classificam a violência e a agressividade como algo inato, advindo do instinto de defesa e sobrevivência, como vemos nas idéias de Freud (1930). Entretanto, a maior parte da literatura, dentre eles Ashley Montagu (1978) e Skinner (1969), ainda acredita que esta é um elemento cultural, estruturado e dissipado pela forma de organização da sociedade, e histórico. Ou seja, o que no passado ou em outras sociedades possa parecer agressivo aos nossos olhos, na verdade é apenas um elemento pertencente a determinado contexto. Podemos exemplificar esse pensamento tomando como referência os piercings e tatuagens, algo que há algum tempo era uma agressividade corporal e que atualmente serve para diferenciar tribos urbanas. Outro modelo que também podemos levar em consideração são os rituais de diversas tribos indígenas. Para muitos, pode parecer violento e desnecessário o fato de que, para a cura dos males de uma pessoa e para que esta tenha uma boa pontaria e força é preciso que ela corte sua pele com um pente feito dos dentes de um peixe¹. Entretanto para os índios da aldeia Ipatse, do Xingu é um rito essencial para sua sobrevivência.

¹ Fonte: série de pequenos documentários realizados pela Intervideo e WN Produções, exibido TV Cultura <http://www.xingudoc.com.br/principal/index.php?pg=diario&d=11>, último acesso em 09/11/2007

Jurandir Freire Costa (1986, apud FANTE, 2005 p. 155) afirma que a violência “é uma particularidade do viver social, um tipo de ‘negociação’, que através do emprego da força ou da agressividade visa encontrar soluções para conflitos que não se deixam resolver pelo diálogo e pela cooperação”. Atualmente percebemos que a violência não é mais um crime como homicídio, roubo etc. Ela se insere nas famílias, em diversos âmbitos da vida social e, principalmente nas escolas, tornando-se instrumento de humilhação, desrespeito, exclusão, ameaças, indiferença, dentre outros, mostrando mais uma das maneiras ignorantes que o ser humano utiliza para lidar com as diferenças.

Acreditamos que o maior propagador de violência ainda seja a mídia. Em qualquer programa transmitido pela televisão vemos a violência presente. Desde desenhos feitos para as crianças até qualquer gênero de filme. A Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS/OMS) tem se preocupado muito com a influência dos meios de comunicação em massa na vida e comportamento de crianças e adolescentes. Com o grande fluxo de informações, vindas de diversos países e sendo fornecidas por diversas mídias, tal conteúdo tornou-se praticamente impossível de ser controlado. Muito se percebe que as crianças e adolescentes se relacionam uns com os outros e se comunicam utilizando elementos propagados pela televisão. Um exemplo recente que vemos sobre isso é o do filme “BOPE – Tropa de Elite”², que conta a história de policiais de um grupo de operações especiais que trabalha na tentativa de lidar com o tráfico de drogas em uma favela da cidade do Rio de Janeiro. Em qualquer lugar que estivermos perceberemos as pessoas, inclusive crianças, utilizando jargões e expressões usadas pelos atores do filme. Ora, podemos pensar serem apenas “brincadeiras”, mas para um indivíduo sem um desenvolvimento moral adequado pode ser um objeto de auxílio para a agressão de suas vítimas. Não pretendo com isso defender a eliminação de todas as cenas ou simulações de violência, mas sim despertar uma atenção especial para o conteúdo que apresentamos para as crianças e adolescentes em nosso meio.

Infelizmente o que questionamos com relação ao conteúdo da mídia não é o mesmo para grande parte da população, principalmente pelos adolescentes. Isso é o que é apontado por uma pesquisa realizada pela UNICEF, que entrevistou 5.280 adolescentes em todo o Brasil, e constatou que 52% dos entrevistados têm a televisão como a maior fonte de lazer e

² “*Tropa de Elite*”, filme do cineasta José Padilha, filmado em 2006 e exibido na maior parte do Brasil em outubro de 2007.

cerca de 70% consideram a programação da TV “muito boa” (NJAINÉ, MINAYO apud UNICEF, FATOR, 2002).

Andersen (1986) buscou categorizar, em sua pesquisa, a violência transmitida por desenhos animados e constatou que o tema base desse tipo de programa é a perseguição e a agressão física que, geralmente, não resultam em danos para os personagens principais. Esta ainda observou que os protagonistas e antagonistas dos desenhos, em geral, são figuras humanas ou animais masculinos e adultos, que têm superpoderes. O que pode fornecer modelos de identificação para as crianças do sexo masculino. De acordo com Shaffer (2005), em mais de cem países foi constatado que, apesar de ambos os sexos terem tendências agressivas, em média os homens são mais agressivos que as mulheres, tanto física quanto verbalmente (HARRIS, 1992; MACCOBY, JACKLIN, 1974 apud SHAFER, 2005, p.491), todavia em estudos recentes o que se constata é que meninos mais jovens não são mais agressivos que meninas. Shaffer (2005, p. 491) nos exemplifica relatando alguns estudos:

Marlene Caplan e cols. (1991), por exemplo, descobriram que disputas agressivas e com uso da força por causa de brinquedos são mais numerosas entre crianças de 1 ano quando os grupos de jogos são dominados por *meninas!* Mesmo aos 2 anos, grupos dominados por meninos são mais propensos que os dominados por meninas a negociar e dividir quando faltam brinquedos. Só a partir dos 2 anos e meio e três anos as diferenças entre os sexos quanto à agressividade são confiáveis, e esse tempo é suficiente para a tipificação de gênero que estereotipa os meninos e as meninas em lados diferentes (FAGOT et al., 1992 apud SHAFER, 2005).

Portanto, podemos analisar que a diferença entre a idade é mais determinante do que a diferença entre os sexos. Ao discorrer sobre os atos agressivos apresentados por crianças, Berger (2003, p. 202) inicialmente fala sobre o comportamento anti-social destas a partir da idade pré-escolar e como isso se desenvolve ao longo dos anos podendo afetar seu comportamento na vida adulta e, posteriormente, dos diferentes tipos de agressão que homens e mulheres podem apresentar. Seria isso uma demonstração clara da influência que a sociedade tem no desenvolvimento da moral e do caráter de futuros adultos? Para os meninos, os pais compram brinquedos, em sua maioria, de destruição, como armas, tanques, bonecos de guerra etc; enquanto para as meninas são destinados brinquedos que despertem seu “lado feminino” de dona de casa e o espírito materno, gênero dócil e submisso.

Shaffer (2005) categoriza a ocorrência dos atos agressivos em quatro tipos:

agressividade hostil, caracterizada pelo fato de que o agressor deseja fazer mal à sua vítima; agressividade instrumental, observada quando o objetivo daquele que agride é o de obter algo, como o acesso a algum objeto, lugar ou privilégio; agressividade retaliadora, ocorre quando a criança responde agressivamente a algum tipo de ameaça, seja ela real ou imaginária e surge quando a pessoa sente que a única maneira de se defender é com a violência; e a agressividade relacional, que são atos de exclusão e afastamento com o objetivo de atingir a auto-estima da vítima ou lesar seu *status* social. Os tipos de agressividade hostil e instrumental ainda podem se misturar em um mesmo ato, variando de acordo com as circunstâncias.

Com o passar do tempo, os indivíduos encontram diferentes formas para expressar seu descontentamento com situações diversas e suas demonstrações de agressividade tornam-se muito mais sutis e maliciosas; entre as meninas isso é visto por meio da agressividade relacional (LOEBER, STOUTHAMER-LOEBER, 1998; NAGIN, TREMBLAY, 1999 apud SHAFFER, 2005, p.492) já entre os rapazes é observada uma frustração indireta, através de atos como roubos, má-conduta social e abuso de substâncias ilícitas (LOEBER, STOUTHAMER-LOEBER, 1998; U.S. Department of Justice, 1995 apud SHAFFER, 2005, p. 492). Berger (2003, p. 202) ainda diz que a agressão instrumental é a mais comum de ser observada e tem uma maior probabilidade de se intensificar entre 2 e 6 anos de idade. E complementa, ressaltando que a agressão física é mais comum entre os meninos, concordando também que a agressividade relacional afeta mais o grupo das meninas. Galen, Underwood (1997, apud BERGER, 2003 p. 202) consideram este tipo de agressão mais doloroso que a própria agressão física.

Quanto ao tipo de agressores Shaffer (2005, p. 494) nos aponta dois: os agressores proativos, “crianças extremamente agressivas que realizam atos agressivos com facilidade e se apóiam na agressividade como um meio de resolver problemas sociais, bem como de atingir objetivos pessoais”; e, o segundo tipo são os agressores reativos, “crianças que demonstram altos níveis de hostilidade e agressividade retaliadora, porque atribuem intenções hostis a outros em demasia, não conseguem controlar sua raiva o suficiente de maneira a reagir não agressivamente a seus problemas” E, finalmente, em relação às vítimas o autor também nos mostra duas faces: a primeira é a das vítimas passivas de agressão que engloba crianças de personalidades tímidas, ansiosas, de baixa auto-estima e atormentadas pelos colegas, mesmo sem terem provocado os agressores. A segunda face é a das vítimas provocativas de agressão que se refere à crianças inquietas, com o temperamento facilmente irritável e também constantemente

provocam aqueles que estão ao seu redor.

2.2 – Agressividade e Violência na Escola

Abramovay e Rua (2002, p.399) nos mostram que a agressão entre os alunos, entre os professores e alunos, a violência sexual entre as crianças, ameaças, consumos de drogas, roubos, uso de armas e a violência contra o patrimônio escolar estão vivos no cotidiano da instituição. Em uma conversa normal com qualquer profissional que trabalhe em escola podemos perceber falas de medo sobre situações do dia-a-dia relacionadas à violência. Outro caso comum de agressão é o de alguns pais que, no intuito de defenderem seus filhos, algumas vezes justificando o mal-comportamento do aluno, insultam e agridem professores, diretores e coordenadores. Em uma das escolas onde fiz estágio, ouvi as professoras comentando sobre uma situação muito preocupante. A diretora chamou o pai de um aluno para conversar sobre as atitudes que seu filho tinha durante as aulas. Este entrou na escola aos berros xingando a professora e intimidando a coordenadora da escola, fazendo com que esta visse que ele portava uma arma de fogo.

Entretanto, notamos que a violência dentro da escola não se deve apenas ao fato de haver agressões físicas entre os alunos e com os professores, mas também notamos que a escola muitas vezes age contra sua própria função de incentivar os alunos e acaba por destruir projetos de vida, causando sérios danos morais à auto-estima de crianças e jovens. Áurea Guimarães (1996) caracteriza este aspecto como a violência da escola e afirma que:

A instituição escolar não pode ser vista apenas como reprodutora das experiências de opressão, de violência, de conflitos, advindas do plano macroestrutural. [...] as escolas também produzem sua própria violência e sua própria indisciplina. (GUIMARÃES, 1996, p. 77-78)

A autora critica também a tentativa de homogeneização que é obtida através do funcionamento da estrutura escolar, tais como, regulamentação do tempo, espaço, movimentos e atitudes dos alunos, impondo a estes uma certa opressão sobre seus corpos. Baseados em Charlot (2002), Prodócimo et al (2007) falam sobre os três tipos de violência relacionados ao ambiente

escolar: violência na escola, que ocorrem dentro da escola, mas devido a motivos externos; violência à escola, algum tipo de depredação aos materiais ou à própria escola e seus funcionários; e violência da escola, aquela exercida contra os alunos, seja por meio de ofensas proferidas pelos funcionários da escola, notas baixas, perseguição etc. Os autores ainda defendem a idéia de que, ao identificarmos os tipos de violências que ocorrem na escola, a ação de combatê-la será mais fácil. Outro aspecto importante é conscientizar a população deste e de outros problemas dentro da escola, estimulando uma reciprocidade e cumplicidade para diminuir a incidência de atos agressivos. Veiga (2004) acredita que essa é a função do projeto político-pedagógico da escola:

Ele cria um ambiente de debate para ser compartilhado por toda sociedade que comunga por melhorias de convivência além de buscar soluções para os problemas da escola. Fazer, discutir, amadurecer e deliberar propostas de ações conjuntas para que todos participem é a razão principal deste espaço nas escolas. (VEIGA, 2004, apud PRODÓCIMO et al, 2007).

Outra discussão que os autores trazem é sobre a presença da polícia dentro da escola na tentativa de obter paz. Sobre isto, eles consideram não ter uma eficácia, devido ao despreparo, no âmbito educacional, por parte dos policiais, já que as medidas tomadas por estes não envolvem uma base pedagógica. A busca de soluções rápidas generaliza e simplifica a violência, deixando passar a diversidade e complexidade de causas e significados encontrados nesta no ambiente escolar.

Com relação ao papel da escola dentro da sociedade contemporânea, encontramos em uma coletânea de textos coordenada por Miriam Abramovay e pela UNESCO, a seguinte idéia:

Observa-se, hoje em dia, um forte descompasso entre a escola e as expectativas sociais existentes em relação à mesma. Na prática, observa-se que a instituição escolar tem funcionado como um centro de reprodução de desigualdades, contradizendo a expectativa de que ela atue no sentido de ser mais democrática e inclusiva. Ao mesmo tempo, a escola deixa de cumprir a missão central atribuída a ela neste início de século XXI, que é a de atuar como promotora dos indivíduos e das sociedades. (ABRAMOVAY apud ABRAMOVAY, 2004, p. 70).

A autora ainda defende que a causa dessa situação da escola deve-se à tentativa

da massificação do acesso ao ensino, deixando a qualidade e a capacitação adequada dos profissionais da área. Como exemplo da tentativa de “mascarar” uma série de desigualdades presentes no sistema Abramovay cita as diferenças das condições de ensino nos estabelecimentos públicos e privados e nas diferentes regiões do país.

Cleo Fante (2005) nos apresenta alguns fatores que crê estarem relacionados ao comportamento agressivo e violento dentro da escola. Este tema é de difícil entendimento, devido à complexidade da determinação de sua causa e da resolução deste problema. Fatores internos e externos à escola influenciam no desenvolvimento do caráter e das relações interpessoais que atingem, não somente a sociedade como um todo, mas principalmente as crianças. Obviamente, a escola não detém meios para impedir a intervenção do ambiente em que a criança vive quando não está na escola. Fante (2005, p. 168) classifica os fatores internos em três categorias: “o clima escolar, as relações interpessoais e as características individuais de cada membro da comunidade escolar”. A impressão que temos é que o nível de insegurança nas escolas, independente se pública ou privada, cresceu muito. E o que temos feito para tentar acabar com isso? Todos os problemas encontrados na sociedade e, principalmente a questão da violência têm sido refletidos dentro da escola. Ora, os padrões morais que, nós adultos deveríamos ter bem desenvolvido aparentemente não tem sido suficiente para que nossas crianças transmitam a tranquilidade, a cooperação, o respeito pelas diferenças e a paz necessária para a convivência social.

Prodócimo et al (2007) escrevem também sobre a proposta de usar os jogos cooperativos como forma de trabalhar a violência dentro das aulas de Educação Física na escola. Os jogos cooperativos surgem com a necessidade de mostrar aos indivíduos que não há uma preocupação com suas habilidades, mas sim em trazer as características que possuímos e aplicá-las dentro de um grupo a fim de atingir um objetivo em comum (AMARAL, 2004, P. 13 apud PRODÓCIMO et al, 2007). As habilidades dos jogadores não são fatores fundamentais para que a atividade ocorra, diminuindo assim o surgimento de motivos para brigas.

2.3 – O Bullying

Para conceituar este termo, também conhecido em alguns países pelo nome

Mobbing (da raiz inglesa *mob*, assédio), que há muito tempo é estudado em diversos países da Europa e América do Norte, usarei um trecho do livro de Fante sobre este assunto:

A violência entre escolares, desencadeada de forma repetida contra uma mesma vítima ao longo do tempo e dentro de um desequilíbrio de poder, conhecida como Bullying [...], fenômeno social de grande relevância e por possuir características peculiares que podem ser identificadas. Dentre elas, talvez a mais grave seja a sua propriedade de causar danos psicológicos irreparáveis ao psiquismo (se não identificado e tratado), à personalidade, ao caráter e à auto-estima de suas vítimas [...]. (FANTE, 2005, p. 15).

Os estudos sobre esse fenômeno no Brasil ainda estão começando, havendo ainda uma contradição entre os autores se o Bullying (que ainda não tem uma definição exata na língua portuguesa) é realmente algo existente nas escolas brasileiras. A ABRAPIA (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência), com o patrocínio da PETROBRAS, realizou um programa para constatar e implantar medidas para reduzir o comportamento agressivo entre estudantes de escolas do Rio de Janeiro. Coordenado pelo médico Aramis Antônio Lopes Neto, o projeto que ainda está em andamento, visa conscientizar a população sobre a agressividade e o Bullying que envolve diversas formas de agressão e intimidação (ofender, zoar, escarnar, sacanear, humilhar, fazer sofrer, discriminar, excluir, isolar, ignorar, perseguir, assediar, aterrorizar, amedrontar, tyrannizar, dominar, bater, chutar, empurrar, quebrar pertences etc.), elementos encontrados em qualquer escola.

Contradizendo o que Lopes Neto afirma, Abramovay (2005), socióloga e vice-coordenadora do Observatório de Violência nas Escolas acredita que o que temos no Brasil é a própria violência escolar e não a prática do Bullying. Ela defende que o termo Bullying é muito vazio para a violência observada e estudada aqui. Em todo o caso, seja qual for o nome ou termo usado, encontramos diversos exemplos de violência sistematizada nas escolas, usada por grupos que se consideram superiores aos demais colegas, fazendo com que suas vítimas sofram caladas e envergonhadas.

O professor norueguês Dan Olweus (1998), pioneiro nas pesquisas sobre o Bullying e que há quase 30 anos trabalha para reduzir o comportamento agressivo entre os alunos, caracteriza o desenvolvimento desse fenômeno nas salas de aula e é citado por Fante (2005). Os conflitos existentes entre alunos de uma mesma classe são muito comuns. Há uma certa tensão que ronda esse ambiente fazendo com que todos que convivem nele se sintam (pelo

menos, um pouco) ameaçados. Os casos de agressão existem devido a diversos fatores. Eles podem ser uma forma de diversão para o agressor ou uma simples maneira de se auto-afirmar perante seus colegas. Quando um agressor em potencial é identificado na sala, outros alunos são influenciados por seu comportamento, principalmente quando o professor não consegue evitar que a violência ocorra, fazendo com que um sentimento de impotência se espalhe pela sala. Fante (2005) ainda apresenta algumas características dos alunos que se tornam alvos ideais para os agressores:

Se há na classe algum aluno que apresenta características psicológicas como ansiedade, insegurança, passividade, timidez, dificuldade de impor-se e de ser agressivo e com freqüência se mostra fisicamente indefeso [...] ele logo será descoberto pelo agressor. Esse tipo de aluno representa o elo frágil da cadeia [...] (FANTE, 2005, p. 48).

O problema é que, se algum pai ler a citação acima e interpretá-la erroneamente pode pensar que, não querendo ver seus filhos passarem por isso, deverão criar uma criança com as características opostas, tendo assim mais um aluno agressor que aprendeu com seus pais a bater sempre que apanhar. Não é incomum vermos casos assim dentro das escolas.

A ausência de defesa e o choro da vítima fazem com que o agressor se sinta forte e superior. Sentimento esse que acaba por atrair outros que também querem sentir-se poderosos, formando assim os grupos, gangues. Os protagonistas dos atos agressivos conseguem ainda fazer com que os seus amigos escolham quem será o “bode expiatório”, que de alguma forma apresenta alguma característica de fragilidade. Aparentemente o agressor tem o mesmo sentimento de prazer quando ataca a vítima ou quando outros de seus amigos o fazem. Mas o que consideramos de extrema importância questionar é que o agressor ou os agressores em geral também não são vítimas em suas famílias ou em outros locais que não dentro da escola? Todo comportamento agressivo tem em si uma raiz desconhecida pelos educadores. A causa desse comportamento pode nunca chegar ao conhecimento dos professores e responsáveis pela escola.

3 – Metodologia

Como dito anteriormente o objetivo deste trabalho é verificar a compreensão que os professores têm sobre a agressividade e sobre o bullying e de que forma lidam com a agressividade entre os alunos e com os próprios professores durante as aulas de Educação Física. Tendo isso em vista, uma pesquisa qualitativa foi realizada por meio de um questionário (Anexo 1) feito por nós com a finalidade de explorar o conteúdo planejado. De acordo com Thomas e Nelson (2002), este tipo de pesquisa difere-se dos outros, pois:

É um método sistemático de investigação, que segue o método científico de resolução de problemas em um grau considerável; todavia, se desvia em certas dimensões. A pesquisa qualitativa raramente estabelece hipóteses no início do estudo. Ela progride em um processo indutivo no desenvolvimento de hipóteses e teoria à medida que os dados são descobertos. [...] O pesquisador é o instrumento primordial na coleta e análise de dados. (THOMAS, NELSON, 2002, p. 36).

Das respostas obtidas, foram destacadas as partes consideradas mais relevantes para, posteriormente serem divididas em categorias. O método de análise de dados usado neste trabalho é baseado na proposta de Laurence Bardin (1977). Bardin acredita que por trás da mensagem há um duplo sentido que só pode ser constatado após uma análise profunda e observação minuciosa. O método escolhido para a análise de conteúdo é o Categorical-temático, ou seja, os conteúdos observados nas questões foram separados em categorias e agrupados de acordo com os temas que consideramos semelhantes. Para tal, juntamos as entrevistas, que caracterizam o “corpus” do nosso trabalho e seguimos às regras de pré-análise do conteúdo: exaustividade, esgotando a totalidade da comunicação, sem omitir nada; representatividade, respeitando um determinado universo de entrevistados; homogeneidade, todos os dados colhidos referem-se ao mesmo tema, foram obtidos por técnicas iguais e colhidos por um único indivíduo; pertinência, adaptação do documento ao conteúdo e objetivo da pesquisa; e exclusividade um elemento não foi classificado em mais de uma categoria. Todo o conteúdo considerado relevante foi categorizado, mesmo que fosse encontrado na fala de um único sujeito entrevistado.

3.1 – Sujeitos

Foram entrevistados professores de escolas públicas da cidade de Campinas que lecionam para as turmas de 1^a à 4^a séries do Ensino Fundamental. O número de sujeitos foi definido de acordo com a percepção do esgotamento das respostas obtidas. Os dados pessoais obtidos sobre os entrevistados encontram-se detalhados abaixo:

- Sujeito 1 – sexo feminino, 49 anos de idade, 19 anos de atuação na área e 1 ano e meio trabalhando na atual escola;
- Sujeito 2 – sexo feminino, 58 anos de idade, 17 anos de atuação na área e 8 meses trabalhando na atual escola;
- Sujeito 3 – sexo feminino, 41 anos de idade, 18 anos de atuação na área e 8 meses trabalhando na atual escola;
- Sujeito 4 – sexo feminino, 33 anos de idade, 11 anos de atuação na área e 8 meses trabalhando na atual escola;
- Sujeito 5 - sexo masculino, 27 anos de idade, 2 anos de atuação na área e 2 anos trabalhando na atual escola;
- Sujeito 6 – sexo feminino, 30 anos de idade, 4 anos de atuação na área e 2 anos trabalhando na atual escola;
- Sujeito 7 – sexo feminino, 24 anos de idade, 2 anos de atuação na área e 2 anos trabalhando na escola atual.

3.2 - Coleta de Dados

Para a coleta de dados, como mencionado anteriormente, fizemos uso de um questionário semi-estruturado, havendo um roteiro composto de quatro questões formuladas de acordo com o nosso interesse. Não houve nenhum critério específico para a escolha das questões, apenas as colocamos da forma que nos pareceu mais adequada aos nossos objetivos. Entretanto no decorrer das entrevistas havia a interferência da pesquisadora para melhor direcionar e

explicar as questões. Essas entrevistas foram gravadas no local de trabalho das professoras, durante o intervalo das aulas ou outros períodos livres dos quais os professores dispunham.

Posteriormente as entrevistas foram transcritas (Anexo 2).

Os contatos com os professores foram realizados por telefone e, depois agendamos as entrevistas, que realizamos nas escolas onde os indivíduos trabalham. Infelizmente sentimos uma certa dificuldade para chegar até os professores, algumas vezes devido à carga horária do professor ou mesmo por uma dificuldade na estrutura da escola, pois em alguns casos a minha pesquisa foi rejeitada sem o conhecimento do professor sobre a minha intenção. Contudo, todos os entrevistados que concordaram em participar da nossa pesquisa mostraram-se dispostos a contribuir com a construção de mais um conhecimento para a nossa área. Para não haver risco ou desconforto dos participantes suas identidades, os nomes das escolas onde atuam e dos alunos citados nas entrevistas não foram revelados. Foi feito ainda um termo de consentimento livre e esclarecido (Anexo 3) para que todos os sujeitos entrevistados assinassem, garantindo assim maior esclarecimento sobre o trabalho.

No capítulo seguinte foram apresentados os resultados, separados em suas respectivas questões e categorias. As citações que usamos nas categorias foram mantidas de acordo com as falas dos professores, sendo assim, mantivemos integralmente para maior fidedignidade do trabalho. E, para facilitar a compreensão pelo leitor, estas citações estão formatadas em itálico.

4 – Resultados

Para a análise dos resultados discorreremos sobre as questões separadamente, utilizando trechos das falas dos sujeitos entrevistados e agrupando em categorias comuns, e faremos uma análise geral de cada questão ao final destas.

Questão 1 – Já houve casos de agressão durante sua aula de Educação Física? Qual o tipo mais comum (direto ou indireto)? Você percebe diferença entre as séries? E entre os gêneros?

- **1 - Divergências sobre o tipo de agressão mais comum**

Percebemos na fala do sujeito 1 que este considera as agressões físicas mais comuns do que as verbais ou indiretas. Entretanto, outros dizem ser mais a agressão de forma indireta, como é o caso do sujeito 2, que considero o xingamento entre os alunos algo normal, e dos sujeitos 4, 5 e 6. Os demais entrevistados consideram que os tipos de agressão ocorrem com a mesma frequência.

- **2 - Agressividade presente desde a 1ª série**

Na fala de todos os professores vemos que consideram a agressividade como algo manifestado nas crianças desde o mais novo até o mais velho com algumas diferenças tênues entre as idades. O sujeito 6 deixa claro em seu discurso que a questão não é a idade, mas sim as diferentes formas que as crianças usam pra se agredir.

Sujeito 1 – “[...] desde a 1ª série nós já estamos observando agressividade neles”.

Sujeito 3 – “[...] a agressão começa desde o primeiro ano, não tem diferença. No primeiro já chega agressivo e vai piorando”.

- **3 - Agressividade vem de casa**

A maioria dos professores concorda que a agressividade é algo que vem de casa, manifestada na família e levada para dentro da escola. Atribuem a violência aos problemas familiares e ao ambiente em que a criança vive, o modo como ela é criada. Notamos indiretamente este elemento na fala do sujeito 2: “[...] às vezes a gente vê, tem algum aluno que é mais agressivo que o outro.” E, diretamente podemos observar na fala do sujeito 3: “O aluno estava com problema em casa e ele não sabe diferenciar que escola é escola e casa é casa e ele falou: ‘vou te bater mesmo, porque eu não posso socar a minha mãe, eu vou socar você, então eu vou te bater’”.

- **4 – Agressividade exacerbada pelo modelo escolar**

Um único professor disse que considera, dentre outras causas, o modelo escolar como um componente do estímulo da agressividade dentro da escola.

Sujeito 6 – “Tem a questão da escola, eu acho que a escola é um local de, o jeito que é organizado, o jeito que é feito é um local de comparação, eu acho. De desempenho, né? Então, em relação à essa coisa de ficar sempre culpando aquele que errou, [...] histórico mesmo da escola. Porque os professores fazem isso com os alunos. Entre os professores também. É sempre comparativo, né? [...] Parece que a escola é um modelo feito pra isso: pra competição e pra comparação”.

- **5 – Agressividade estimulada pela mídia e jogos eletrônicos**

O sujeito 6 ainda discursa sobre a influência que a mídia tem sobre o comportamento da criança: “Você vê tudo nos desenhos. Eles xingam nos desenhos o tempo inteiro. [...] O inimigo é sempre o ‘idiota’, o ‘burro’, o ‘imbecil’. Então, é tudo ensinado assim.” E, ainda: “O videogame é assim, então, sempre tem que matar o outro, você tem que ganhar do

outro, [...] que ser o melhor [...]. Sempre assim, tem uma coisa de menosprezar quem errou, né?”

- **6 – Diferença entre os sexos**

Alguns professores consideram os meninos mais agressivos do que as meninas e outros acreditam que, na verdade, são tipos diferentes de agressão.

Sujeito 4 – *“É (os meninos são mais agressivos que as meninas). Acho que porque isso é um rótulo, né? Mas os meninos são mais violentos [...]”*.

Sujeito 6 – *“Tipo, os dois lados se agriem, eu acho que os meninos se agriem mais fisicamente, isso sim. [...] As meninas é mais raro ver isso, elas se agriem de outro jeito”*.

Sujeito 5 – *“[...] entre os meninos é muito comum brincadeiras de luta, com socos e chutes, mas em poucos casos isso se torna agressão, briga [...]”*.

- **7 – Agressividade por motivo banal**

Professores consideram o início da briga algo ocorrido por motivos ‘bobos’. Por alguma pequena desavença, ou porque o colega “roubou” o lugar na fila, por causa de erros durante a execução de determinado jogo e, devido a uma diferença de habilidades físicas um colega não consegue realizar a tarefa requisitada, resultando na derrota da equipe etc.

Análise geral da questão 1

Notamos nessa questão que alguns professores consideram a agressão física a mais comum entre os alunos, mas notam também a existência da forma indireta, entretanto por esta última ser menos notada visualmente não prende tanto a atenção dos que estão ao redor, ou

então, por ser tão comum entre os alunos, já se tornou banal. Assim como os motivos para a ocorrência da agressão, que de tão insignificante para o professor muitas vezes não recebe a devida atenção para o problema. Para o sujeito 5, o fato de seus alunos do sexo masculino comumente brincarem de “luta, com socos e chutes” não caracteriza essas atitudes como agressão ou briga. Pode ser que a “brincadeira” realmente não aconteça com o intuito de agredir, mas será que eles terão o discernimento adequado para cessar quando um de seus colegas se sentir mal com esse jogo?

Quanto à diferença entre as séries, foi dito que a agressividade está presente desde as primeiras mas, aparentemente, de uma forma mais amena. Já entre os mais velhos é bem comum e ocorrem quase que diariamente. Na fala do sujeito 4, vemos que esta considera a agressão física mais comum entre as crianças menores, pois estas não sabem como demonstrar com palavras seus desejos, encontrando na agressão uma forma de comunicação não necessariamente prejudicial a seus olhos. Isto está de acordo com a literatura apresentada.

A maioria dos entrevistados julga que o problema da agressividade dentro da escola deve-se a fatores externos à instituição, como a forma de criação, o ambiente em que vivem e o contato que têm com os programas de televisão e videogames que usam a violência para atingirem um nível alto de consumo, e não se lembram de citar o ambiente escolar como um propagador da violência entre os alunos e com os professores também. Apenas o sujeito 6 atribui ao modelo de ensino e da organização da escola parte da responsabilidade pelo comportamento violento dos alunos. Há uma busca de “culpabilização” pela agressão dos alunos, que envolve a família, a mídia, a escola, e não há uma busca por soluções que envolvam todos os segmentos sociais.

Para os professores, os meninos são mais violentos do que as meninas, mas creio que ao afirmarem isso usaram como critério de classificação a agressão física em especial. Shaffer (2005) nos mostra em seu trabalho estudos que revelam que a agressividade nas meninas é muito grande, mas de uma forma indireta e mais dominadora do que os meninos. Quando mais jovens, as meninas se agredem mais. Todavia com o passar dos anos a sociedade influencia o comportamento dos meninos estereotipando seu comportamento de macho, forte e pronto a se defender e atacar da forma que for preciso para preservar sua integridade.

Questão 2 – Como você lidou com tal ocorrência?

- **1 – A primeira atitude é sempre conversar**

Em todas as respostas analisadas, vemos que como medida inicial a conversa está em primeiro lugar, há uma separação dos alunos, um diálogo entre ambas as partes, agressor e agredido, e uma tentativa de resolução do problema buscando conscientizar os alunos que a agressão não é a melhor forma para se solucionar um problema. O sujeito 3 ainda tenta abranger o assunto: *“Converso individualmente e converso com a classe, pra saber se tem algum problema com a classe também”*.

Sujeito 4 – *“E tentar pedir desculpas, num fazer mais aquilo [...]. Você tenta conscientizá-lo [...]”*.

Sujeito 6 – *“[...] primeiro você conversa, mas assim, acho que nunca tirei o aluno da aula sem ter tentado conversar, sem ter falado pra ele que ele tava errado, né?”*.

- **2 – Tomar atitudes para evitar as agressões**

Na fala de dois sujeitos identificamos algumas medidas para antecipar o problema e evitar casos de agressão. O sujeito 6 pontua sobre a relação da agressividade com o aspecto competitivo das atividades: *“É. Eu procuro assim, no jeito de eu planejar a aula, eu procuro fazer de um jeito que não ressalte as questões assim... É claro que eu dou competição nas minhas aulas, só que eu procuro não dar uma importância pra isso, de premiar aqueles que têm habilidade [...]”*.

Já o sujeito 7 prefere fazer um “combinado de sala”, desde a 1ª série, deixando bem claro o que é permitido e o que é proibido. E o primeiro “combinado” é contra a agressão entre os colegas: *“Então eles já vêm com isso construído assim, isso fica internalizado. As primeiras agressões físicas são engraçadas porque eles começam a gritar: ‘agressão física, agressão física’”*.

- **3 – Tendência para que o professor tente combater violência com a própria violência**

O sujeito 6 foi o único entrevistado a falar sobre a perda da paciência com alguns alunos, levando o professor, muitas vezes a tentar lidar com a situação tornando-a ainda mais agressiva ao gritar e brigar com o aluno. Em sua fala vemos: *“Às vezes até você quer ‘esganar’ o aluno, né? Então, é... mas aí é a violência do professor com o aluno, ou seja, a tendência é você tentar resolver dando um berro ou fazendo outra violência, então isso acontece”*.

- **4 – Procedimentos pré-estabelecidos pela escola**

Como o sujeito 6 salientou: *“É um trabalho da escola inteira”* e ainda: *“[...] são coisas assim: [...] primeiro conversar[...]. Comunicar os pais, pedir pros pais conversarem. Pedir pros pais virem na escola pra ficar a par, com a criança junto pra relatar o que tá acontecendo”*, mostrando dessa forma o que o sujeito 7 também aponta sobre agir conforme o que foi pré-estabelecido pela escola em casos de agressão: *“A agressão física é proibida. A agressão muito pesada resulta em diretoria”*.

- **5 – Tentativa de conscientização dos alunos através de uma avaliação das aulas**

O sujeito 6 nos trouxe um exemplo que pode auxiliar na tentativa de conscientização dos alunos através de uma auto-avaliação sobre eles, sobre a professora, sobre a aula e sobre a turma: *“Não necessariamente eu falo que é uma avaliação pra avaliar a violência. Só que a violência é a coisa que eu vejo que aparece mais na avaliação.[...] Aí na avaliação veio,[...] ‘porque a professora grita. Grita muito e a gente não gosta que grite com a gente’. Mas também veio na avaliação: ‘a turma não faz silêncio pra ouvir uma explicação, ‘a turma não colabora quando os outros estão falando, todo mundo fala ao mesmo tempo’. Então eu coloquei isso pra eles: ‘o que a gente pode fazer?’ ‘Ah, a professora não gritar mais com a*

gente', mas como eu posso não gritar? 'Ah, aí a gente tem que prestar mais atenção', então vamos fazer um acordo? Eu não vou mais gritar e quando vocês não fizerem silêncio eu vou parar a aula, porque como eu posso falar baixo se vocês não vão me ouvir? Aí eles pararam de gritar. Aí eu parei também".

Análise geral da questão 2

Ao serem questionados sobre a maneira de lidar com os alunos envolvidos em um caso de agressão durante suas aulas todos os professores responderam que, em primeira instância, a atitude é conversar com os alunos envolvidos e procurar resolver entre eles, pedindo desculpas, sem envolver a diretoria ou os pais.

Alguns ainda preferem tomar atitudes que busquem evitar esse tipo de situação. Atividades que não instiguem de forma negativa o instinto de competição, a criação de acordos entre os colegas para que todos se respeitem e o trabalho da conscientização dos alunos sobre os tipos de agressão que estão presentes no cotidiano das aulas de Educação Física. Os professores ainda falaram que, em casos muito graves ou freqüentes de agressão a diretoria e os pais da criança são envolvidos na tentativa de solucionar o problema e descobrir se há algo que perturba a criança fazendo com que esta se comporte de forma violenta.

Uma das professoras, sujeito 6, nos fez lembrar algo que os outros não tinham comentado: a agressão do professor com o aluno. Muitas vezes na tentativa de solucionar o problema imediatamente para retomar a aula o professor usa de palavras e um tom de voz também agressivo com seus alunos, ou seja, tentando resolver os problemas de agressão com uma outra forma de violência. Creio que a atenção toda na verdade deve voltar-se para o fato de que, assim como as crianças os adultos também têm tendências para serem violentos. Mas, devemos lembrar que somos, de certa forma, exemplo para os alunos e, pode parecer estranho, mas também ter a consciência que o nosso desenvolvimento moral é maior, ou pelo menos deveria ser, que o dos mais jovens, nos tornando assim, responsáveis pela manutenção da harmonia e tranqüilidade, mesmo quando nos falta paciência necessária para intervir.

Questão 3 – Você crê que sua aula de EF pode servir como instrumento de ajuda para combater a violência e agressão dentro da escola? De que forma?

- **1 – Os Professores crêem que a Educação Física pode ajudar a combater a violência**

Todos os entrevistados acreditam que, de alguma forma a Educação Física pode contribuir para a tentativa de amenizar os casos de agressão durante as aulas e dentro da escola.

Sujeito 1 – *“Bastante”*.

Sujeito 6 – *“Eu acho que sim”*.

Sujeito 5 – *“Acredito que a minha aula ajuda já pela postura mais tranqüila que eu tenho, pelas conversas”*.

- **2 – Utilizam os próprios conteúdos da Educação Física para obter algum resultado**

A maioria dos professores utiliza a própria atividade, tentando chamar a atenção para a não-agressividade durante a execução desta. Não em uma atividade específica, com este objetivo, mas no cotidiano, durante o trabalho do conteúdo em geral. Como percebemos na fala do sujeito 4: *“Dentro das atividades, da dança, dos esportes, do jogo de xadrez [...]. Jogos cooperativos [...]”*.

Sujeito 6: *“Eu acho assim, que essa coisa do jogo, não do jogo, mas do lúdico. O lúdico na vida das crianças de hoje ta muito deturpado. Então a relação: criança não brinca mais porque não tem companhia, porque vive às vezes muito isolada, por causa das questões todas que a gente tá vivendo. O pai e a mãe trabalhando fora o tempo inteiro, ou a criança que fica ‘encastelada’ no prédio por causa da violência, ou a criança que é viciada em videogame e os pais que não estão ali pra falar que ela tem que brincar, que fica o dia inteiro no videogame”*.

Sujeito 5: *“Eu já pensei em abordar o conteúdo de lutas, mas ainda preciso planejar melhor, pra que seja o mais adequado possível e atinja o objetivo de não-agressão”*.

- **3– Socialização como forma de auxílio contra a agressividade**

Dois entrevistados apontaram o entrosamento dos alunos como um fator que ajuda na permanência de um ambiente pacífico. O fato de não incentivar a formação de “panelas” e fazer com que os alunos se conheçam e se respeitem pode ser um forte aliado à essa causa.

Sujeito 2: *“Olha, eu procuro fazer com que eles se socializem, mostro que as atividades podem ser tanto pra menino quanto pra menina, tanto pequeno quanto grande. [...] procuro às vezes fazer ‘trabalhinho’ que eles troquem os grupos, pra eles aprenderem a fazer com outros tipos de colegas”*.

Sujeito 3: *“Porque eu tento fazer isso, eu tento não deixar, eu não deixo fazer ‘panela’, ta? Eu tento separar grupinho mesmo, mas é difícil”*.

- **4 – Evitam fazer das atividades competitivas mais um incentivo para a agressão**

Devido a um ímpeto de querer que sua equipe ganhe, alguns alunos apresentam maior agressividade que outros durante a prática dos jogos competitivos. É o que os professores disseram e, por isso, buscam trabalhar a cooperação dentro da competição. Mostrar aos alunos que sem a cooperação dentro de um time, o objetivo pode não ser alcançado.

Sujeito 4: *“Tentar assim, focar a competição como assim, um objetivo, mas tem que todos se cooperem, se ajudem pra equipe ganhar”*.

Sujeito 6: *“Eu tento não trabalhar só competição, eu tento, quando trabalhar competição, eu falo pra eles, ó, mas aconteceu isso, eu tento falar. Têm crianças que param e falam que ficaram gritando muito, ficaram brigando. Então eu tento mostrar pra eles que eles têm que cooperar um com o outro pra que o time ou a equipe ganhe. Mas que se eles ficarem brigando sempre eu não vou dar mais tanta competição [...]”*.

- **5 – Trabalho de todos**

O sujeito 6 defende a idéia de que o objetivo de diminuir a frequência da agressão na escola não é um trabalho apenas da Educação Física, mas sim da escola como um todo: *“Mas não é a Educação Física que vai resolver isso. [...] Eu acho que a Educação Física não resolve nada sozinha”*. Deve ser a meta de um trabalho integrado, de todas as disciplinas e da diretoria da escola.

- **6 – Não ignorar o problema**

Outra dica que a professora (sujeito 6) nos dá é o que creio ser o mais essencial. Ela diz que a forma de ajudar realmente é não dando as costas para o problema: *“[...] a gente pode não ignorar esse problema”*.

- **7 – Construção da linguagem corporal**

O sujeito 7 nos lembra de um papel da Educação Física que ela julga ser capaz de dar uma grande contribuição para o trabalho contra a violência: *“O fato da Educação Física ser o espaço em que eles constroem a linguagem corporal deles, isso ajuda em muito. Muitas vezes a agressão física, isso eu vejo na 1ª série principalmente, eles não agredem porque não gostam da pessoa, mas porque eles querem demonstrar alguma coisa que eles não conseguem demonstrar com palavras ou com gestos sem encostar a mão [...]”*.

Análise geral da questão 3

Ao entrevistar os professores, percebi que esta foi a questão que mais fez com que os entrevistados pensassem e, percebi então, que muitos se sentiram perdidos ao serem

questionados sobre a forma que eles usavam para trabalhar a fim de combater a violência dentro da escola. Alguns chegaram a ficar um bom tempo calados. cremos que ocorreu, principalmente, devido ao fato de que os profissionais que atuam nessa área não possuem uma solução sistematizada para agirem nesses casos. O que eles fazem é tomar as atitudes ditadas pelo senso comum, apenas conversando, tentando fazer com que eles peçam desculpas uns aos outros e dando atividades que não busquem estimular o sentimento agressivo nas crianças. Não existem exercícios específicos para trabalhar com a agressividade. Entretanto, acreditamos que é necessária uma preocupação maior com esse aspecto dos indivíduos realizando uma abordagem real e aberta deste tema, mas não só na Educação Física, e sim em projetos realizados por toda a escola.

Em contrapartida ao professor que tenta resolver a situação apenas com uma conversa temos um outro lado do profissional que, muitas vezes, quando falta a paciência, quer que a sua autoridade seja notada e a ordem restabelecida. Todavia, Guimarães (1996) nos adverte sobre isso:

O grande problema talvez esteja no fato de o professor se concentrar apenas na sua posição normalizadora achando que, com isso, ele conseguirá eliminar os conflitos. Mas, as efervescências da sala de aula marcada pela diferença, pela instabilidade, pela precariedade, apontam para a inutilidade de um controle totalitário [...]. Quanto maior a repressão, maior a violência dos alunos em tentar garantir as forças que assegurem sua vitalidade enquanto grupo. (GUIMARÃES, 1996, p. 79).

Ou seja, como as manifestações dos alunos, do *querer-viver* (termo usado por Maffesoli -1985 - para definir a ética pessoal que organiza as atitudes cotidianas e remete aos diferentes valores de um grupo), são espontâneas e não planejadas impedem que o totalitarismo seja imposto.

O que notamos das respostas é que todos os professores acreditam que as aulas de Educação Física realmente podem ajudar. E crêem que isso pode ocorrer de diversas formas: seja no decorrer das atividades em geral; durante o trabalho dos conteúdos da Educação Física (jogos, esportes, lutas, dança etc); ou no desenvolvimento de uma linguagem e expressão corporal própria dos alunos, trabalhando com jogos cooperativos, conforme sugerido por Prodócimo et al. (2007); ou com este elemento dentro de uma atividade competitiva, já que este último tipo de atividade é o que mais desperta nas crianças um instinto agressivo, seja fazendo com que as crianças se socializem mais, trabalhando com outras crianças que não as habituais de

seu círculo de amizade, ou simplesmente não ignorando esse problema tão grave que existe nas escolas, mas muitas vezes estes se sentem perdidos e desgastados devido a uma falta de estruturação pessoal e profissional para agirem.

Com a fala do sujeito 7, nos lembramos de uma função muito importante da Educação Física dentro da escola: a de estimular o desenvolvimento da linguagem corporal das crianças. Ao estimular tal função conseguimos ajudar os alunos a se comunicarem melhor e a demonstrarem quando não estão satisfeitos com algo, sem que este precise usar a agressão como forma de comunicação. Ensinar as crianças a se defenderem não é errado, mas devemos buscar a melhor forma de defesa possível, fazendo com que o colega entenda quando fere o outro e tendo a certeza de que a violência não é um caminho a ser seguido.

Questão 4 – Qual o seu conhecimento sobre o termo Bullying? Você percebe que isto ocorre nesta escola?

- **1 – Os entrevistados já tiveram um contato inicial com o termo**

Todos os entrevistados demonstraram pelo menos ter ouvido ou lido algo a respeito do Bullying. Alguns ouviram, mas não deram muita atenção e não se lembravam do que se tratava. Outros já estudaram, leram ou viram reportagens sobre o assunto quando a mídia começou a se interessar mais sobre a área.

Sujeito 2 – *“Conheço, só que eu não tô lembrada, menina.”*

Sujeito 4 – *“Eu já ouvi, mas não lembro o que é. Em palestras, mas eu não lembro o que é.”*

Sujeito 5 – *“O que eu conheço sobre o Bullying é o que ouvi na televisão e vi em jornais [...]”*

Sujeito 6 – *“Eu vi no Fantástico, né? [...] Eu acho que foi talvez até antes de eu entrar na faculdade, eu não lembro e a gente estudou um texto na faculdade [...]. Eu acho que eu devo ter lido em alguma revista, porque na época eu lembro que saiu em vários lugares”.*

Sujeito 7 – *“Mínimo. Já ouvi falar, já li o mínimo de coisas”.*

- **2 – Professores têm uma noção mínima do que é o Bullying**

Os professores que se lembram do que significa o termo demonstram ao menos entender e saber a quem este nome está associado.

Sujeito 1 – *“É uma criança que coage a outra. É ameaça. Ela pega um mais fraco e ela faz ameaças com essa criança”.*

Sujeito 3 – *“É a rotulação, né? Rotular a criança”.*

Sujeito 5 – *“[...] é um comportamento de agressividade coletiva, de um certo grupo, sobre uma ou mais pessoas, podendo ser agressão direta ou indireta”.*

Sujeito 6 – *“É, eu acho que é essa prática dos alunos, né? De perturbar o colega que... de humilhar, né? Ou física, mas moralmente assim”.*

- **3 – A ocorrência do Bullying nas escolas onde os entrevistados trabalham**

Dois professores não consideram que isso ocorra na escola onde atuam neste momento, entretanto notamos uma contradição na fala do sujeito 5, pois ao mesmo tempo que este diz não perceber casos de Bullying, cita um acontecimento em que percebemos haver uma exclusão de uma criança nova, mas o professor não considera muito, pois acredita ser normal as crianças rejeitarem um novo colega na escola. O sujeito 3 alega não haver Bullying na atual escola, pois todas as crianças são tratadas de formas iguais e ganham sempre as mesmas roupas ou tênis doados pela entidade espírita que auxilia na escola, ou seja, esta professora acredita que este é um problema econômico, relacionado a pertences, e diz também que isso era muito frequente em outras escolas em que trabalhava. Já os outros sujeitos vêem isso acontecendo no cotidiano e acreditam que este seja um problema compartilhado por todas as escolas.

Sujeito 1 – *“E ocorre, ocorre. Não é só aqui, não é a primeira escola... em todas as escolas ocorrem”.*

Sujeito 5 – *“Na minha escola, acredito que não houve ainda nenhum caso que se caracterize como Bullying, apenas casos de adaptação de alunos novos a uma classe nova, em que no*

começo o aluno ficava deslocado e não se entrosava muito”.

Sujeito 7 – *“Sim, com certeza eu vejo isso na escola que eu dou aula”.*

- **4 – Confusão entre identificar o Bullying em determinados atos agressivos**

O sujeito 6 nos falou sobre sua dificuldade em saber em determinadas situações o que se caracteriza como Bullying e o que é a agressão normal da escola: *“É porque tem assim, um limite que eu acho que não dá pra definir quando é isso. Porque tem a questão da agressividade, que não sei necessariamente se toda agressividade é isso. Então, tem aquela parte da agressividade, né? Não necessariamente é pra humilhar, não sei se o Bullying tem a ver com isso de humilhar”.*

- **5 – Fatores atribuídos à ocorrência do Bullying**

O questionamento sobre os motivos que levam as crianças a cometerem o Bullying se associa às razões pelas quais os alunos cometem atos agressivos contra seus colegas. Algumas vezes por motivos sócio-econômicos, outras vezes devido a uma influência da mídia no comportamento das crianças ou ainda pelas condições em que os alunos vivem e são criados.

Sujeito 6 – *“Tem a questão do próprio jeito deles mesmo. Sei lá, porque na fila eles vão lá e se estapeiam pra ser o primeiro. Disso pra chamar o outro de burro assim falar de outros nomes e pra fazer outras coisas é um passo, né? Acho que as coisas estão muito ligadas e cada vez mais eu penso que isso ta aumentando. Acho que eu já falei, né? De família, da história que ta crescendo, daquela coisa da televisão. Que se você for ver um programa infantil você vai ver isso o tempo inteiro, né, que o personagem lá que se dá bem é sempre o que elimina o adversário, né?”.*

Sujeito 7 – *“É... em relação ao sexo talvez isso aconteça mais. Eu acho que os meninos são bem agressivos em relação às meninas. Eles são machistas pra caramba. Isso daí vem de casa. E eles querem transferir isso pra escola. Até em relação às atividades, eles diferenciam os esportes:*

‘ah, isso não é coisa de menina’. Eu vejo que isso tá muito presente na escola. Acho que em relação ao nível social também. Tem uma grande parcela que mora na favela e os que sabem, eles tiram sarro”.

Análise geral da questão 4

O que percebemos, ao entrevistar os professores, é que mesmo tendo pelo menos um contato mínimo com o assunto, o bullying ainda permanece levemente obscuro para eles. Alguns disseram ter ouvido já sobre o Bullying, em algumas palestras; e outros viram ou leram reportagens, ou ainda estudaram através de algum artigo científico, mas sempre sem dar uma grande importância para o tema. Dois indivíduos nem conseguiram se lembrar sobre o que é o Bullying e de que forma ele se manifesta dentro da escola.

Fante (2005), pautada em Olweus (1998), cita que a lógica do Bullying na sala de aula é a seguinte: uma vítima é identificada na sala, geralmente esta apresenta aspectos psicológicos debilitados, como baixa auto-estima, ansiedade, timidez etc. O agressor mostra aos outros colegas que, por afinidade compartilham do mesmo desejo de humilhar as vítimas em potencial. Palácios (2006) nos faz lembrar que este é um assunto de extrema importância, entretanto pouco estudado ainda pelos profissionais da área da saúde, podendo ser feita uma transferência para a área da educação. A autora também nos remete a prestar um pouco mais de atenção ao assédio moral, algo muito comum na relação professor-aluno, mesmo que inconsciente no cotidiano. Qualquer fala na tentativa de repreender o aluno, mesmo sem a intenção de ofendê-lo, acaba por tornar-se uma ameaça. Podemos citar como exemplo a tradicional conversa entre pais e diretores em caso de mau comportamento dos alunos. Não que nós condenemos essa técnica, mas notamos uma certa tensão e medo de nossos alunos em se expressar de algumas formas.

A ocorrência do Bullying dentro das escolas mais uma vez foi relacionada à educação que os pais dão a seus filhos, ao ambiente em que vivem, às condições econômicas e às dificuldades relacionais enfrentadas entre pais e filhos e à mídia. Mais uma vez, foi mostrada a questão da “culpabilização”. Todos buscam um culpado, mas não se concentram em uma solução

sistematizada. Nenhum dos professores comentou sobre a estrutura escolar, que pode ser responsável pela tentativa de “sobrevivência” a esse meio. Onde sempre somos lembrados que os melhores são elogiados, os que tiram notas mais altas são exemplos a serem seguidos pelos outros colegas e os que não conseguem acompanhar um rendimento satisfatório precisam de aulas extras, conversas com a diretora e recados para os pais, situações que podem ser um tanto quanto constrangedoras para alguns alunos.

Apesar da tentativa que o modelo escolar tem de transformar todos em corpos e pessoas semelhantes, neste ambiente é onde mais observamos a questão das diferenças e da pluralidade cultural. Mas sabemos que nem todos sabem lidar muito bem com essa questão, trazendo à tona o bullying, por isso na fala do sujeito 7 vemos ressaltada a questão do machismo presente desde as crianças mais novas. Prodócimo, Rigoni (2007) escreveram um artigo e basearam uma de suas idéias em Ribeiro (2006) e no conceito que este traz sobre a diferença entre os sexos na escola. Este autor acredita que quando ocorrem os casos de Bullying, as relações e parâmetros que as crianças têm umas sobre as outras e os papéis a serem desempenhados na sociedade ficam ainda mais evidentes. Quando tratamos a questão do gênero notamos que as crianças já têm incorporado os componentes simbólicos a serem interpretados por meninos e meninas. As crianças aprendem muito cedo os padrões sociais e notamos que não há uma preocupação por parte dos adultos e das crianças mais velhas de desconstruírem conceitos errôneos sobre o que podemos ou não fazer, de acordo com as funções de cada sexo na sociedade.

5 - Considerações Finais

O que mais podemos exaltar na parte final deste trabalho é uma preocupação com o andamento dos casos de agressão entre os alunos. Por mais que um professor tente diminuir os casos de violência em sua aula é uma tarefa muito difícil de ser realizada de forma isolada. Aliado a este fato aparentemente os professores têm muita dificuldade ao lidar com alunos de comportamento agressivo. E por que os professores não têm um preparo adequado para lidarem com esse tipo de situação? Se um aluno se sente ameaçado no ambiente de ensino ele não vai se preocupar em aprender muito o conteúdo. Ele se preocupará em sua defesa e sobrevivência em tal ambiente. Logo, uma das prioridades do governo deveria ser melhor capacitar sua mão-de-obra para a evolução do sistema de ensino. E a sociedade? Não basta que os professores tenham boa vontade e queiram realmente se empenhar para lidar com isso, é preciso realizar um trabalho continuado com os profissionais da área. Um trabalho em que existe um momento para compartilhar os problemas e um outro para a discussão de soluções e não apenas na parte profissional; pois além de ensinarmos as crianças, devemos lidar com a parte humana do aluno e é isso que nos preocupa mais: as relações interpessoais. Pois o professor antes de tudo é um ser humano, passível de erros e de acertos em suas decisões, mas quando a falta de paciência prevalece, nosso julgamento é prejudicado fazendo com que as nossas decisões sejam muitas vezes precipitadas e alguém seja punido sem necessidade, podendo acarretar em graves conseqüências posteriormente.

Diversos são os casos em que algum aluno sofre variadas humilhações por parte de seus colegas e não revida naquele momento. Entretanto, com o passar do tempo, as conseqüências se agravam e o que um dia foi, aparentemente, um simples ato de maldade, no futuro pode se tornar uma grande tragédia. Como exemplos disso, temos casos famosos, antigos e recentes. Fante (2005) cita em seu livro diversos casos: em 1999, em Littleton, Colorado dois jovens entraram na escola onde estudavam e mataram 12 colegas e um professor, deixando ainda vários feridos; em Taiúva, interior de São Paulo, em janeiro de 2003, um jovem de 18 anos entrou em sua ex-escola, feriu oito pessoas e, em seguida, suicidou-se. Inúmeros são os fatos que acontecerem e, infelizmente aumentarão se não começarmos a conscientizar não só os

educadores, mas a sociedade em geral sobre a gravidade desse problema. O ensino da solidariedade, altruísmo e respeito às diferenças existentes entre todas as pessoas é essencial para uma convivência pacífica na sociedade.

O diálogo entre os alunos e com os professores é muito importante, mas são necessárias medidas práticas para realmente vermos uma diferença na ação. É muito desgastante para qualquer pessoa e, principalmente para o professor trabalhar em um ambiente amedrontador. Em um ambiente escolar que as ameaças tomam conta, não são apenas as crianças que sofrem e sentem medo, mas todos aqueles que fazem parte do sistema de ensino: alunos, professores, diretores, coordenadores e funcionários que trabalham na manutenção da escola. Se uma criança se sente ameaçada, não conseguirá aprender o conteúdo que lhe será ensinado, se um professor sente medo também não é capaz de executar seu trabalho de uma forma satisfatória; a diretora não será capaz de intervir para o bem de todos da escola se algum pai ou algum aluno a ameaçarem. O professor precisa da ajuda do sistema, do governo e, principalmente, da sociedade para continuar a desempenhar o seu papel. Para nós, fica evidente a influência exercida sobre os “modismos” da sociedade no comportamento das crianças. Mas a verdade é que pouco se faz na tentativa de transformar o saber social.

Ao pensarmos sobre um aluno que tem um comportamento agressivo não devemos isolá-lo, mas sim tentar inseri-lo em um contexto a fim de buscar as melhores soluções para ajudá-lo. Shaffer (2005) chama nossa atenção para a influência que um ambiente familiar coercivo exerce sobre as atitudes da criança e é refletida na escola. Ele considera este tipo de ambiente um “terreno fértil para a agressividade” (GARCIA et al., 2000 apud SHAFFER, 2005, p.499) e ainda conclui: “Infelizmente, essas famílias-problema podem nunca sair desse padrão destrutivo de ataque e contra-ataque, a menos que recebam ajuda”. O autor cita a idéia de Gerald Patterson (1981; 1982) que é baseada no conceito de ver a família como um sistema social, fazendo com que a família tome conhecimento do problema que a criança tem e que todos possam lidar da melhor forma para que isso seja solucionado. O incentivo é de não usar a violência e o contra-ataque para repreender a criança quando esta tem um comportamento reprovável, mas sim incentivá-la a desenvolver um sentimento de empatia e tentar colocar-se no lugar de seus colegas, tendo uma diferente perspectiva sobre uma situação.

Este área de pesquisa no Brasil ainda é muito recente. Em lugares como Noruega, Inglaterra e Estados Unidos os cientistas e educadores já lutam contra este mal há

décadas. E, obviamente, a realidade sócio-econômica desses países é completamente diferente da nossa, mas eles resolveram não virar as costas para este problema e buscaram soluções e implantações de programas anti-bullying, na tentativa de conscientizar a população em geral, ensinando às vítimas e aos espectadores do Bullying a não ficarem calados diante de uma situação de humilhação. Um projeto anti-bullying desenvolvido no interior da Inglaterra, coordenado por Peter K. Smith (1994), professor de psicologia da *University of Sheffield*, envolve livretos que contêm informações sobre o Bullying e reestruturação de “parquinhos” nas escolas, já que os pesquisadores acreditam ser este o ambiente mais propício para a ocorrência do Bullying, devido à falta de brinquedos para todos usarem ao mesmo tempo, estimulando assim a criança, com a intenção de usar o brinquedo, a humilhar seu colega para que este saia. De acordo com a pesquisa as meninas são as que mais sofrem durante o tempo no “parquinho”, pois os meninos se impõem devido à sua força para tomar lugar no brinquedo. O professor ainda critica os espaços feitos para as crianças destinados exclusivamente à jogos de caráter competitivo, pois não estimulam uma socialização entre as crianças, o que acaba por diminuir a auto-estima dos menos habilidosos.

Acreditamos que algumas das propostas de Smith (1994) podem ser utilizadas no Brasil. Alguns podem achar estranhas ou, até mesmo, desnecessárias as medidas propostas, mas cremos que isto deve-se ao fato de o Bullying ser ainda um tema muito novo e pouco estudado no nosso país. Mas cabe a nós deixar claro que, independente da cultura que nos rodeia sempre haverá um abuso de poder, pois este é inegável ao analisarmos o comportamento humano em geral. Vieira (2001) acredita que para conseguirmos atingir uma sociedade “pacificada” é necessário recusar a existência de “apartheids sociais”, respeitando as diferenças independente das desigualdades que conhecemos no nosso país, pois “o racismo, a pobreza, o não acesso à educação e a bens essenciais, à dignidade humana são formas que facilitam a percepção do outro como inferior (...)” (VIEIRA, 2001, p. 81. In: *Cotidiano das escolas: entre violências/UNESCO*, 2005, p. 63). Tenho certeza que o desrespeito às diferenças humanas não é o que objetivamos ensinar a nossos alunos.

O que deve ser feito na escola é um trabalho preventivo. Os professores entrevistados utilizam a conversa como solução apenas depois que a agressão acontece. Uma das professoras disse que a agressividade não é um conteúdo de aula, mas quando acontece algum caso algumas medidas são tomadas. Percebemos que não é uma medida eficaz. Quando

realizamos um trabalho preventivo, como o próprio nome diz, tentamos evitar que casos assim aconteçam e tragam conseqüências mais sérias. Como trabalho preventivo, podemos citar a questão do desenvolvimento do protagonismo juvenil que, mesmo com crianças pode funcionar. Este conceito vem da idéia de fazer com que o jovem, ou a criança, sejam agentes sociais, intervindo no contexto social para responder a problemas reais. O indivíduo se torna fonte de iniciativa, liberdade e responsabilidade sobre diversos aspectos da vida em sociedade.

Outro ponto que deve ser muito bem trabalhado durante as aulas é o lado mais humano da educação. Na Educação Física se lida muito com a questão da competitividade, valorização da habilidade e premiação dos mais habilidosos. Podemos realizar um trabalho melhor através da boa utilização de conteúdos transversais nas aulas e nas atividades. Acreditamos que seria mais eficaz se, antes de ocorrer o ato, os professores já trabalhassem esses aspectos com os alunos. Fazer com que os alunos dêem uma importância maior para os valores humanos e sociais, a moral e as emoções dos seus colegas. Podemos trazer essa conscientização através de dramatizações. Fazer com que um colega, mesmo que durante uma brincadeira ou jogo, se coloque no lugar do outro e passe por algumas situações, durante poucos minutos, o que alguns alunos sofrem durante toda a vida escolar.

O sentimento e o desenvolvimento da empatia auxilia qualquer pessoa a pensar um pouco melhor sobre seus atos, a refletir antes de tomar medidas das quais mais tarde se arrependa. Com o objetivo de fazer as crianças se importarem sobre o que será do futuro da sociedade auxilia a desenvolver esse sentimento e, ainda, carregá-lo consigo, influenciando outros que estão ao seu redor. Este tipo de atitude não envolve somente as crianças, mas também pelos professores, que algumas vezes são passíveis de atitudes erradas.

Com certeza muito ainda tem que ser estudado, discutido e decidido com relação à agressividade nas aulas de Educação Física e, principalmente, dentro da escola e da sociedade. Mas cremos que quando o humanismo, os sentimentos e valores e a conscientização sobre o futuro da sociedade são trabalhados com as crianças, os professores e todos os envolvidos na educação os progressos que desejamos são mais evidentes e atingidos mais rápido do que pensamos. Nós temos perseverança nesse trabalho e em todos os desafios que apareçam durante o caminho, e devemos seguir independente dos problemas que apareçam. Dessa forma, acreditamos que há uma chance de mudança.

Referências Bibliográficas

ABRAMOVAY, M.; RUA, M.G. *Violência nas escolas*. Brasília: UNESCO, 2002.

ABRAPIA – Associação Brasileira de Proteção à Infância e adolescência. *Programa redução do comportamento agressivo entre estudantes*. Disponível em www.bullying.com.br, última visita em 12/11/2007.

AMARAL, J. D. *Jogos Cooperativos*. São Paulo: Phorte, 2004.

ANDERSEN, M.J.B. *Violência nos desenhos animados exibidos pela televisão: uma ponderação necessária*. Tese (Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1986.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Traduzido por Luis Antero Reto e Augusto Pinheiro, Lisboa, 70 ed., 2002.

BERGER, K.S. *O Desenvolvimento da Pessoa – Da infância à Adolescência*. Traduzido por Fernanda Andrade Dias e Raquel Staerke Calvano. Revisão técnica por Cláudia Henschel de Lima. 5 ed., LTC editora, 2003.

CHARLOT, B. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. *Revista Sociologias*, Porto Alegre, ano 4, n. 8, jul./dez. 2002: p. 432-443.

COSTA, J. F. *A ética e o espelho da cultura*. Rio de Janeiro, Graal, 1986.

Cotidiano das escolas: entre violências / Coordenado por Miriam Abramovay. – Brasília: UNESCO, Observatório de Violência, Ministério da Educação, 2005. 404 p.

Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Instituto Antônio Houaiss. Editora Objetiva. Rio de Janeiro, 2001.

FANTE, Cleo. *Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. 2 ed., Campinas, SP: Versus Editora, 2005.

FATOR, O. M. Fundo das Nações para a Infância. *A voz dos adolescentes*. Unicef, Brasília. 2002.

FREUD, S. *O mal-estar na civilização*. Edição Standard Brasileira, vol. XXI. RJ: Imago. 1930.

GALEN, B.R.; UNDERWOOD, M.K. A developmental investigation of social aggression among children. *Developmental Psychology*, 33, 589-600, 1997.

GUIMARÃES, A.M. *Indisciplina e violência: a ambigüidade dos conflitos na escola*. In:

- AQUINO, J. G. (Org.) *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1996.
- MERLO – FLORES, T. Por que assistimos à violência na televisão?, In Carlsson, U; Von Feilitzen, C (orgs.). *A criança e a violência na mídia*. p. 187-215. Ed. Cortez-Unesco, São Paulo. Brasília. 1999.
- MONTAGU, A. *A natureza da agressividade humana*. Rio de Janeiro: Zahar. 1978.
- NJAINE, K.; MINAYO, M.C.S. A Violência na mídia como tema da área da saúde pública: revisão da literatura. *Ciência e Saúde Coletiva*, vol. 9, nº 1, Rio de Janeiro, 2004.
- OLWEUS, D. *Conductas de acoso y amenaza entre escolares*. Madrid, Morata, 1998.
- PALÁCIOS, M. & REGO, S. Bullying: mais uma epidemia invisível? *Revista Brasileira de Educação Médica*. Rio de Janeiro. V. 30. nº 1, janeiro/abril 2006.
- PRODÓCIMO, E. et al. Os jogos cooperativos como meio de intervenção na violência escolar. Artigo sujeito à aprovação pela revista *Movimento*, enviado em junho de 2007.
- _____ ; RIGONI, A.C.C. Um novo olhar sobre as diferenças entre os gêneros no fenômeno Bullying: reflexões a partir da cultura. Artigo não publicado.
- RIBEIRO, J. S. B. Brincadeiras de meninas e de meninos: socialização, sexualidade e gênero entre crianças e a construção social das diferenças. *Cadernos Pagu*, n. 26. Campinas, jan./jun. 2006.
- SHAFFER, D.R. *Psicologia do desenvolvimento: infância e adolescência*; tradução Cíntia Regina Pemberton Cancissu; revisão técnica Antônio Carlos Amador Pereira. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.
- SKINNER, B. F. *Contingencies of reinforcement*. New York: Appleton-Century. 1969.
- SMITH, P.K.; SHARP, S. *School Bullying: insights and perspectives*. Routledge, London, 1994.
- THOMAS, J.; NELSON, K. *Método de pesquisa em atividade física*. Traduzido por Ricardo Pertersen et al. 3 ed., Porto Alegre: Artimed, 2002.

ANEXOS

ANEXO 1

QUESTIONÁRIO:

Sexo:

Idade:

Tempo de aula:

Tempo na escola atual:

Séries para as quais dá aula:

1 – Já houve casos de agressão durante sua aula de Educação Física?

Qual a mais comum?

Diferenças entre séries? Diferença entre gêneros?

Direta ou indireta?

2 – Como você lidou com tal ocorrência?

3 – Você crê que sua aula de EF pode servir como instrumento de ajuda para combater a violência e agressão dentro da escola? De que forma?

4 – Qual o seu conhecimento sobre o termo Bullying?

Você percebe que isso ocorre nessa escola?

ANEXO 2
TRANSCRIÇÃO SUJEITO 1

Sexo: Feminino

Idade: 49 anos

Tempo de aula de EF: 19 anos

Tempo de aula na escola atual: 1 ano e meio

1 – “Sim, é muito comum ocorrer casos de agressão”

“Mais comum é a agressão física”

“Eu acho que a agressão que ocorre ‘maior’ é de 2^a, 3^a e 4^a séries, a primeira nem tanto”

“Não, não é discriminação não, é agressão física mesmo. Por motivo assim banal... motivo... quase nem tem motivo. É porque ‘pegou meu lugar na fila’, ‘eu tava aqui e ele me tirou’. É por coisinha à toa.”

2 – “Chamando as duas partes, as duas crianças, conversando e explicando que não é dessa forma que resolve, que há um diálogo, num é assim que resolve... explicando a situação”.

3 – “Bastante. Chamando a criança pra estar fazendo e participando das atividades, é, dando a importância da atividade, dando importância pra ela dentro da atividade física. Então é dessa forma que eu acho que combate sim, porque é uma coisa que ela gosta de fazer”

4 – “Tenho, tenho. Eu participei de várias reuniões na FEAC, nós já tivemos várias palestras sobre esse ‘bullying’, né? E ocorre, ocorre. Não é só aqui, não é a primeira escola... em todas as escolas ocorrem. O que é o Bullying? É uma criança que coage a outra. É ameaça. Ela pega um mais fraco e ela faz ameaças com essa criança.”

TRANSCRIÇÃO SUJEITO 2

Sexo: Feminino

Idade: 58 anos

Tempo de aula de EF: 17 anos

Tempo de aula na escola atual: 8 meses

1 – Bom, às vezes a gente vê, tem algum aluno que é mais agressivo que o outro. A gente tenta contornar, mostrar que eles estão ali pra ter uma boa convivência, que eles vão passar o ano juntos e não é dessa forma. Quando acontecer algum caso pra eles procurarem pela gente que nós vamos tentar resolver. Não é porque um dá um tapa que você vai e revida, né? Eu acho que não é essa a maneira correta. Pelo menos é assim que eu acho.

Eu acho assim: xingar é normal, grande parte dos alunos xingar o colega, mas agora física assim, tem aqueles alunos que são bem agressivos mesmo e já vão, já apelam pra agressão física.

Ah, acho que é mais menino. Não, acho que é desde a primeira séria, nós já estamos observando agressividade neles.

2 – Bom, tentando conversar, que deve procurar ser amigo do colega, que eles vão passar o ano inteiro juntos, que eles devem procurar escolher o programa de televisão, que aqueles programas que eles vêem que têm lutas às vezes é uma montagem, que a realidade não é bem aquilo que lá eles fazem as coisas como eles querem, mas agora, aqui a realidade é diferente.

3 – Ah, eu acho que sim. (Há um grande intervalo, a professora fica pensando bastante tempo, como se soubesse que a aula pode ajudar, mas não sabendo exatamente como) Olha, eu procuro fazer com que eles se socializem, mostro que as atividades podem ser tanto pra menino quanto pra menina, tanto pequeno quanto grande. Ah, sim, dou atividade em sala de aula, trabalho em grupo, procuro às vezes fazer “trabalhinho” que eles troquem os grupos, pra eles aprenderem a fazer com outros tipos de colegas.

4 – Conheço, só que eu não to lembrada, menina (faz gestos como quem quer que pare a

gravação. Explico pra ela o que é o Bullying). Ah, acontece, é, às vezes não, às vezes a criança já vem de casa assim, eu acho que é bem por aí, não em todos os casos, mas na maioria têm aquelas crianças que são filho único, então ele tem em casa tudo o que é dele, então ele chega aqui... eles tão acostumados com tudo deles. Mas às vezes é que ele gosta mesmo e quer ser “o líder” e ele não sabe lidar com essa liderança.

TRANSCRIÇÃO SUJEITO 3:

Sexo: Feminino

Idade: 41 anos

Tempo de aula: 18 anos

Tempo na escola atual: 8 meses

1 – Já. Entre os alunos e comigo, com a professora também.

Comigo já aconteceu das duas formas (física e verbal) com aluno de terceira série, esse ano, na outra escola em que eu trabalho. O aluno estava com problema em casa e ele não sabe diferenciar que escola é escola e casa é casa e ele falou: ‘Vou te bater mesmo, porque eu não posso socar a minha mãe, eu vou socar você, então eu vou te bater’. E ele só não conseguiu me bater porque eu fui mais rápida e peguei ele pelo braço e levei pra diretora, porque eu ia apanhar se eu tivesse ‘marcado touca’.

Não. É, esse ano eu to trabalhando de primeira à quarta, ta? Só com os pequenininhos, então a agressão começa desde o primeiro ano, não tem diferença. No primeiro já chega agressivo e vai piorando. Porque ta com problema, porque o outro olhou torto, porque pegou a pulseirinha, por qualquer motivo bobo eles começam a brigar.

As meninas de primeiro e segundo ano são mais calmas, mas tem muita competição entre elas. Agora, na terceira série elas se agridem demais. E na quarta, quando elas estão começando a namorar então já: ‘você olhou pro meu bonitinho’ e esse tipo de coisa.

2 – A minha atitude é separar, se já começou a briga eu vou lá e separo, aconteceu comigo e levei um pontapé no joelho, forte. Eu conversei com os dois que estavam brigando, tentei saber o porquê daquilo, porque começou e como chegou naquele nível, porque na hora que eu cheguei na

aula eles estavam se estranhando, de repente, quando eu virei pra lá e pra cá.... Então eu tento amenizar e separo. Às vezes as próprias crianças tem uma não-aceitação do coleguinha porque ele briga. Acontecem as brigas porque eles provocam, começam a fofocar sempre ficam falando que o ‘fulano’ é o culpado da história e não ele. Converso individualmente e converso com a classe, pra saber se tem algum problema com a classe também.

3 – Eu tento, eu acho que sim, ta? Porque eu tento fazer isso, eu tento não deixar, eu não deixo formar ‘panela’, ta? Eu tento separar grupinho mesmo, mas é difícil. Eu tento, eu converso mostrando o amanhã, como vai ser se eles continuarem desse jeito.

4 – É a rotulação, né? Rotular a criança (explico pra ela o que é o Bullying). Ah, então eu entendi de outra forma, porque eu achei que era aquela rotulação de botar apelido (explico mais uma vez que também está relacionado a isso). Aqui todos eles são tratados iguais, porque eles chegam e ficam desde as 7 da manhã, então todos são tratados do mesmo nível. Aqui tem desde o mais pobre, que mora em favela, até aqueles que tem bastante condição, que são mais ricos. A Entidade (entidade espírita que auxilia a escola) dá presentes, então não tem aquele ‘sem tênis’. As crianças chegam às de manhã e tomam café, depois almoçam, têm aula à tarde, dorme, têm atividade normal. Tudo bonitinho, como se fosse integral. Então aqui é nivelado porque todos têm as mesmas coisas. Comem a mesma comida. Então aqui eu não vejo isso. Mas na outra escola em que eu leciono é outro esquema, eles vivem no Lar, né? São abandonados ou retirados da família porque são vítimas de maus tratos, então alunos da comunidade mesmo são poucos. Mas eu já trabalhei em escolas em que existia muito isso, alguns achavam que por serem filho de tal pessoa era o poderoso, né? Então um fica olhando pro outro assim ó (faz gestos de ar de superioridade), ‘vou fazer o que eu quiser e você tem que ficar quieto’. Alguns alunos de fora da escola pulavam o muro pra usar a quadra da escola e eu não podia dizer nada, porque aquele adolescente era filho de traficante.

TRANSCRIÇÃO SUJEITO 4:

Sexo: Feminino

Idade: 33 anos

Tempo de aula: 11 anos

Tempo na escola atual: 8 meses

1 – “Já houve. Verbal. Percebo mais nas quartas séries, não que não ocorra na primeira, mas ocorre mais na última. Já teve (casos de agressão física), não uma, mas várias vezes. Não (agressão aluno-professor), mas entre eles sim. É (os meninos são mais agressivos do que as meninas). Acho que porque isso é um rótulo, né? Mas os meninos são mais violentos, mais violentos”.

2 – “Na hora a gente tenta apartar e solucionar o problema, não deixando assim, com que leve pra frente, né? E tentar pedir desculpas, num fazer mais aquilo. Assim, num tem muito o que fazer, né? Você tenta conscientizá-lo de que ele não pode fazer aquilo”.

3 – “Com certeza. Dentro das atividades, da dança, dos esportes, do jogo de xadrez. Eu to dando jogo de xadrez agora e eles estão adorando, né? Né, dentro dos esportes, dos conteúdos da Educação Física. Jogos cooperativos, esporte. Apesar de ser competitivo, mas competição também eles adoram. Tentar assim, focar a competição como assim, um objetivo, mas tem que todos se cooperem se ajudem pra equipe ganhar”.

4 – “Eu já ouvi, mas eu não lembro o que é. Em palestras, mas eu não lembro o que é. (Explico o que é o Bullying). A gente tenta não deixar acontecer. A primeira coisa que a gente fala é que não pode deixar acontecer. Por exemplo, tem as meninas da quarta série, que estão fazendo dança e uma delas saiu chorando, porque as outras estão se desfazendo ela. Então, a primeira coisa que eu falei ‘ninguém aqui é melhor que ninguém’. Então, é isso: a gente tenta não deixar levar adiante”.

TRANSCRIÇÃO SUJEITO 5:

Sexo: Masculino

Idade: 27 anos

Tempo de aula: 2 anos

Tempo na escola atual: 2 anos

1 – “Sim. Agressão verbal tem quase em todas as aulas, é bastante comum. É, mas casos de agressão em geral tem em quase todas aulas. Principalmente entre as turmas mais velhas, que já tinham tempo de educação física antes de eu entrar na escola. Ainda é mais verbal, mas eles têm agressão física. Grande parte das crianças é agressiva, tratam uns aos outros com agressividade, com palavrões e xingamentos; entre os meninos é muito comum brincadeiras de luta, com socos e chutes, mas em poucos casos isso se torna agressão, briga; o que normalmente acontece é de uma criança dizer que foi xingada ou levou um tapa ou um chute, mas em quase todas as vezes as duas crianças se agrediram. e algumas das meninas. Mas durante a aula o que acontece mais é verbal. Mas casos de briga assim mesmo, de ter que parar a aula, assim, foram poucos”.

2 – “Normalmente eu tento conversar, separo os envolvidos, até durante o recreio eu já tive que separar, do restante da turma, às vezes os coloco de castigo, fora da aula. Em casos mais extremos ou repetitivos eu levo eles pra conversar com o diretor ou a coordenadora, que são mais duros do que eu. Procuro ouvir os envolvidos sobre o ocorrido e depois tento mostrar que não era necessário agredir para resolver as diferenças”.

3 – “Acredito que a minha aula ajuda já pela postura mais tranqüila que eu tenho, pelas conversas. Mas em alguns momentos não consigo ser duro o suficiente. Não cheguei a focar especificamente a agressividade, mas nas regras de jogos e atividades esse limite tá envolvido. Eu já pensei em abordar o conteúdo de lutas, mas ainda preciso planejar melhor, pra que seja o mais adequado possível e atinja o objetivo de não agressão”.

4 – “O que eu conheço sobre bullying é o que ouvi na televisão e vi em jornais: é um comportamento de agressividade coletiva, de um certo grupo, sobre uma ou mais pessoas, podendo ser agressão direta ou indireta. Na minha escola acredito que não houve ainda nenhum caso que se caracterize como bullying, apenas casos de adaptação de alunos novos a uma classe nova, em que no começo o aluno ficava deslocado e não se entrosava muito”.

TRANSCRIÇÃO SUJEITO 6:

Sexo: Feminino

Idade: 30 anos

Tempo de aula:

Tempo na escola atual: 2 anos

1 – “Sim. Dos dois tipos. Eu acho que o mais comum é a agressão moral. É o que acontece mais. Não necessariamente (diferença entre os sexos). Tipo, os dois lados se agredem, eu acho que os meninos se agredem mais fisicamente, isso sim. Mas assim, verbalmente... a diferença eu acho que é o alvo, né? Os meninos chamam mais de ‘maricas’, chamam mais de coisas assim. As meninas, é mais raro ver isso, mas elas se agredem de outro jeito. E a maior parte das agressões também, assim, pela habilidade deles, então, quando o colega erra, coisas assim, relativas ao jogo. Se agredem mais geral ainda, mas, não faz diferença se é menino não. Acho que não (diferença entre as séries). Não... assim. Em intensidade, em quantidade, eu acho que não tem diferença, pela idade. O que eu acho é que quanto mais velhos, mais dissimulados, assim, entendeu? Porque eu percebo que nas 4^{as} séries algumas... mais crianças, assim, é o que na escola a gente chama de ‘dar o tapa e esconde a mão’ ou uma coisa de impulso, né? De gritar um ‘ah, seu sei lá o quê’. Pega e fica, falando na orelha, né? Falando coisas. Entendeu? Mas é uma coisa difícil de a gente ter certeza assim. Mas eu acho que o principal não é a idade. Tenho turma de 1^a série que eles são assim, super de xingar e, por exemplo, tem uma 4^a série da turma da tarde, que briga muito e que eles ficam se xingando. Mas a outra 4^a série é uma das turmas que mais se respeita. Porque no ano passado eles brigavam muito, era uma das turmas que mais se xingava, mas aí a gente foi falando, conversando, não é por aí. Mas eles têm um comportamento de maior respeito com o colega do que uma outra turma de 1^a série que eu tenho à tarde. A questão é que assim, tem turma que você vai fazendo um trabalho e dá um resultado. Tem turma que chega em outro resultado. Isso independe, eu acho que da idade. Mas também não é só isso. Tem um dia que aquela turma ali te surpreende. Eu acho que a agressividade na criança é atribuída à vida total dela. Tem a questão da escola, eu acho que a escola é um local de, o jeito que é organizado, o jeito que é feito é um local de comparação, eu acho. De desempenho, né? Então, em relação a essa coisa de ficar sempre culpando aquele que errou, eu acho que isso é uma coisa da própria... histórico mesmo da escola. Porque os professores fazem isso com os alunos. Entre os professores também. É sempre comparativo, né? Entre uma escola e outra. Ah... aí não é só a escola, né? Mas

dentro da escola é um modelo bem... Parece que a escola é um modelo feito pra isso: pra competição e pra comparação. Eu acho que tem isso, mas também tem a questão fora da escola. Eu acho que a televisão é uma coisa. Porque, nossa, pega esses dias que teve uma programação do dia das crianças, né? Então todos aqueles canais ficaram gratuitos, na TV à cabo. Todos eles. Aí você fica assistindo os desenhos. Então você vê tudo nos desenhos eles xingam nos desenhos o tempo inteiro. Então o inimigo é sempre o 'idiota', o 'burro', o 'imbecil'. Então, é tudo ensinado assim. Desde desenho pra criança bem pequena. O videogame é assim, então sempre tem que matar o outro, você tem que ganhar do outro, você tem que matar, que ser o melhor. Quando você erra, ou você morre, ou você... sempre assim, tem uma coisa de menosprezar quem errou, né? Ou nos nossos exemplos também. Tem a questão do gordinho, do feio. É claro que tem exemplos que são contrários, mas eu acho que na balança tem muito mais coisa em relação aos perdedores, né? Aqueles que merecem ser enxovalhados, do que os outros, né? Então eu acho que é isso. Tem a questão familiar. Que isso não é dessa geração, isso vem de décadas e décadas, já há muitos anos, muito tempo. Então os pais já carregam isso, é... pode ser uma questão de revolta deles mesmos, porque tem muita família, assim, pelo menos na questão da violência têm casos graves aqui, né? Não são poucos não. É porque a gente não consegue saber história por história. Só que, normalmente, quando a gente tem um aluno que dá muito problema, assim, aqueles que você conversa e explica várias coisas, mas não consegue chegar, quando você vai ver a família tem problema em casa também”.

2 – “Eu acho que, eu não tenho um padrão. Eu acho que tem dias que eu consigo lidar de um jeito que eu acho mais satisfatório, mas tem dia que não. É... eu procuro assim... no jeito de eu planejar a aula, eu procuro fazer de um jeito que não resalte as questões assim... É claro que eu dou competição nas minhas aulas, só que eu procuro não dar uma importância pra isso, de premiar aqueles que têm habilidades ou não fazer uma aula quando eu sei que aquela pessoa que é diferente, que aquela pessoa da sala que é mais excluído. Quando tem um caso de violência, se for uma coisa assim que eu vejo no ato, eu ‘dou um pito’ no aluno. Mas é aquilo, né? Às vezes até você quer ‘esganar’ o aluno, né? Então, é... mas aí é a violência do professor com o aluno, ou seja, a tendência é você tentar resolver dando um berro ou fazendo outra violência, então isso acontece, mas não é só isso. Além das coisas que já são institucionais da escola mesmo... são coisas assim: tirar da aula, primeiro você conversa, mas assim, eu acho que nunca tirei aluno da

aula sem ter tentado conversar, sem ter falado pra ele que ele tava errado, né? Esse fato de perder a paciência é assim, no final do ano é sempre o mesmo menino ou menina, mas normalmente menino, é mais menino. E você vê que é toda aula a mesma coisa, daí você começa já a perder a paciência. Claro que eu nunca bati em ninguém, mas dá vontade mesmo, ou gritar etc, essas coisas. Comunicar os pais, pedir pros pais conversarem. Pedir pros pais virem na escola pra ficar à par, com a criança junto, pra criança relatar o que ta acontecendo. Fora isso, quando eu faço avaliação com eles, eles fazem auto-avaliação. Normalmente as turmas que apresentam mais problemas eu faço isso com maior frequência. Aí eles fazem uma avaliação com relação a mim, com relação às aulas. Não necessariamente eu falo que é uma avaliação pra avaliar a violência. Só que a violência é a coisa que eu vejo que aparece mais na avaliação. É uma coisa que todo mundo coloca na avaliação. Depois eu coloco o resultado disso aí pra eles aí eu peço pra eles darem sugestões. Então, teve uma 3ª série que você chegava na sala e era muita gritaria, era muita gente gritando o tempo inteiro. Eles não desrespeitam tanto os colegas quanto outras turmas, mas isso aí, gritaria, também é um jeito de agressão, né? Então eu tinha a tendência de também gritar com eles. Chegava uma hora que eu dava um berro lá e falava: ‘ó, cala a boca que num ta dando’. Aí na avaliação veio, uma das questões foi... porque a professora grita. Grita muito e a gente não gosta que grite com a gente. Mas também veio na avaliação: a turma não faz silêncio pra ouvir uma explicação, a turma não colabora quando os outros estão falando, todo mundo fala ao mesmo tempo. Então eu coloquei isso pra eles: o que a gente pode fazer? ‘Ah... a professora não gritar mais com a gente.’, mas como eu posso não gritar? ‘Ah... aí a gente tem que prestar mais atenção’, então vamos fazer um acordo, eu não vou mais gritar, e quando vocês não fizerem silêncio eu vou para, porque como que eu posso falar baixo se vocês não vão ouvir? Aí eles pararam de gritar. Aí eu parei também. Outro exemplo é aquele aluno que sempre provoca e briga o tempo inteiro, aí apareceu na avaliação, todos eles colocaram. Até a pessoa escreveu lá na avaliação: ‘ó... eu faço tal coisa’. Será que não vai melhorar? Será que não vai mudar? Esses são seus objetivos? Xingando o colega, ficar sem amigos, aí teve algumas crianças que pararam, entendeu? Só que não tem como você... só que nem é o objetivo, eu acho. Não é meu objetivo, ficar controlando também. É um trabalho da escola inteira”.

3- “Eu acho que sim. Então, eu acredito muito no... é estranho falar isso, mas... não é usar o jogo para isso, mas ajuda. Mas não é a Educação Física que vai resolver isso. A Educação Física ta

implicada nisso. Eu acho que a Educação Física não resolve nada sozinha. Mas eu acho assim, que essa coisa do jogo, não do jogo, mas do lúdico. O lúdico na vida das crianças de hoje tá muito deturpado. Então a relação: criança não brinca mais porque não tem companhia, porque vive às vezes muito isolada, por causa das questões todas que a gente tá vivendo. O pai e a mãe trabalhando fora o tempo inteiro, ou criança que fica ‘encastelada’ no prédio por causa da violência, ou criança que é viciada em videogame e os pais não estão ali pra falar que ela tem que brincar, que fica o dia inteiro no videogame. Então tá assim, pobre... é raro uma criança que tem assim, uma vivência diversificada, eu acho que isso tem a ver com aquela coisa que eu falei da sociedade toda, está encaminhando pra isso, mas não sei se é uma coisa que tá piorando ou melhorando. Porque antigamente tinha essa coisa da violência também. Não sei se tanto quanto hoje, mas eu acho, eu acredito assim, que a coisa tá piorando. É... então o jeito que a gente trata... a gente pode não ignorar esse problema. Arranjar um jeito de fazer. Mas eu não acho que tenha uma única solução e nem acho que esse é o papel da educação física. O que eu tento fazer? Eu tento não trabalhar só competição, eu tento, quando trabalhar competição, eu falo pra eles ó, mas aconteceu isso, eu tento falar. Tem crianças que param e falam que ficaram gritando muito, ficaram brigando. Então eu tento mostrar pra eles que eles têm que cooperar um com o outro pra que o time ou a equipe ganhe. Mas que se eles ficarem brigando sempre eu não vou dar mais tanta competição... e é assim”.

4 – “Eu vi no Fantástico, né? Faz uns anos já porque eu ainda ia me formar. Eu acho que foi talvez até antes de eu entrar na faculdade, eu não lembro e a gente estudou um texto na faculdade que é... era um artigo assim, agora não lembro se era de alguma revista tipo Veja assim ou se era mais científico assim. Eu acho que eu devo ter lido em alguma revista, porque na época eu lembro que saiu em vários lugares. E também não lembro nem em que disciplina foi que a gente viu e só. Depois que eu me formei e entrei na escola eu nunca mais ouvi falar neste termo. Mas esse é um assunto também que quase não é passado na escola, né? É, eu acho que é essa prática dos alunos, né? De perturbar o colega que... de humilhar, né? Ou fisicamente, mas moralmente assim. Principalmente em relação à imagem, aparência, em relação ao desempenho. Ou na Educação Física ou intelectual, né? Acho que é isso. É, ocorre bastante aqui, né? Uma das coisas que mais a gente tem que ficar em cima o tempo inteiro. É igual a gente tava comentando, né? É porque tem assim, um limite que eu acho que não dá pra definir, quando que é isso. Porque tem a

questão da agressividade, que não sei necessariamente se toda agressividade é isso. Então tem aquela parte da agressividade, né? Não necessariamente é pra humilhar, não sei se o Bullying tem a ver com isso de humilhar. Tem a questão do próprio jeito deles mesmo. Sei lá, porque na fila eles vão lá e se estapeiam pra ser o primeiro. Disso pra chamar o outro de burro assim falar de outros nomes e pra fazer outras coisas é um passo, né? Acho que as coisas estão muito ligadas e cada vez mais eu penso que isso ta aumentando. Acho que eu já falei, né? De família, da história que ta crescendo, daquela coisa da televisão. Que se você for ver um programa infantil você vai ver isso o tempo inteiro, né, que o personagem lá que se dá bem é sempre o que elimina o adversário, né?”

TRANSCRIÇÃO SUJEITO 7:

Sexo: Feminino

Idade: 24 anos

Tempo de aula: 2 anos

Tempo na escola atual: 2 anos

1 – “Sim. É, nas crianças menores, eu dou aula da 1^a à 4^a série, de 1^a e 2^a série é agressão física, muito comum, mas de 3^a e 4^a já é uma agressão mais verbal. Sim, os meninos são mais violentos. Fisicamente, principalmente. Parece que a agressão na escola é algo ligado a fatores externos, na verdade. Não é diretamente na escola. Isso é construído externamente. Eles trazem de casa, talvez. Assim, nas reuniões a gente percebe que é alguma coisa muito ligada à família, a situação é devido à estrutura familiar deles. O que a gente percebe é isso. Muito ligado a fatores externos”.

2 – “Com agressão física eu procuro conversar. Os alunos geralmente identificam os agressores. Nossa primeira aula, na verdade, a gente tem uma aula dos combinados de sala. O primeiro combinado de sala que a gente têm, desde a 1^a até a 4^a série, é o combinado sobre agressão física. A agressão física é proibida e agressão física muito pesada resulta em diretoria. Então eles já vêm com isso construído assim, isso fica internalizado. As primeiras agressões físicas são engraçadas porque eles começam a gritar ‘agressão física, agressão física’. Bem, nas agressões físicas eu

procuro conversar e chamo a criança bem perto de mim e longe da outra pra deixar ela explicar primeiro a versão dela, depois eu chamo a pessoa agredida e peço pra ela explicar a situação dela. Então eu coloco as duas crianças de frente pra uma pedir desculpas pra outra e explicar porque ela fez aquilo. Quanto às agressões verbais, por exemplo, teve um exemplo essa semana. A menina tava na aula, na 3ª série, aí um menino começou a gritar: ‘testuda, ô testuda’, do nada, a menina estava quieta, fazendo a aula, ele também e, a partir daí os outros meninos também começaram. Mas só os meninos. As meninas ficaram quietas. Então uma outra menina, não ela, veio e falou: ‘professora, estão chamando tal pessoa de testuda, e acho que ela não está gostando’. Então, mais uma vez eu chamei o agressor perguntei porque ele tava fazendo aquilo e ele disse: ‘não, porque ela é testuda mesmo’. Eu falei, ‘mas, nós somos todos diferentes, isso daí não justifica, isso de criar apelidos, ou ficar gritando bem alto pra todo mundo te seguir’. Então, fiz a mesma coisa. Conversei com ele, conversei com ela. Perguntei se ela se sentiu agredida, ela não ligou muito, na verdade, mas as outras meninas se sentiram agredidas, assim, em ouvir, e falei pra ele pedir desculpas”.

3 – “Pode. O fato da educação física ser o espaço em que eles constroem a linguagem corporal deles isso ajuda em muito. Muitas vezes a agressão física, isso eu vejo na 1ª série principalmente, eles não agredem porque não gostam da pessoa, mas porque eles querem demonstrar alguma coisa que eles não conseguem demonstrar com palavras ou com gestos sem encostar a mão. Eu vejo que muitos tapas são na verdade uma maneira de tocar pra chamar a atenção da pessoa, ou ficar perto, mas, infelizmente as pessoas não entendem assim. Quanto à questão da agressão verbal, a mesma coisa. Tanto é que essas meninas elas se sentiram agredidas em ouvir o menino gritando. E aconteceu na aula de educação física de haver essa agressão verbal, indireta, né? É, isso, com certeza, eles refletem em outros lugares da escola, em outras disciplinas e fora da escola também. Eu tento trabalhar com isso no cotidiano, não faço atividade com esse conteúdo: ‘não à agressão física’.

4 – “Mínimo. Já ouvi falar, já li o mínimo de coisas. Mas eu sei que é algo relacionado à agressão. Relacionado à sociedade, porque essas pessoas que cometem o Bullying elas convivem... então... não é um fator interno da pessoa, mas o meio em que elas vivem, se relacionam... Eu sei que tá relacionado à agressão. Sim, com certeza eu vejo isso na escola que eu

dou aula. É... em relação ao sexo talvez isso aconteça mais. Eu acho que os meninos são bem agressivos em relação às meninas. Eles são machistas pra caramba. Isso daí vem de casa. E eles querem transferir isso pra escola. Até em relação às atividades, eles diferenciam os esportes: ‘ah, isso não é coisa de menina’. Eu vejo que isso tá muito presente na escola. Acho que em relação ao nível social também. Tem uma grande parcela que mora na favela e os que sabem eles tiram sarro. Isso tá muito presente. Porque faz parte do bairro que eu to, né? Tem uma favela gigantesca do lado. Tem crianças que têm um nível social muito bom. Então cria essas barreiras, infelizmente”.

ANEXO 3



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
 Faculdade de Educação Física
 Departamento de Educação Motora
 Rua Érico Veríssimo, 701- Caixa Postal 6134 - CEP 13083-970
 Barão Geraldo – Campinas/SP
 Tel. (19) 3521-6618 - Fax 3289-4338



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Ao professor de Educação Física.

Meu nome é Natália Machado Rahal, sou aluna da graduação em Educação Física da Unicamp e estou realizando uma pesquisa para o meu trabalho de conclusão de curso sob orientação da Profa. Dra. Elaine Prodócimo.

Esta pesquisa tem como objetivo verificar a abordagem que os profissionais de Educação Física dão em casos de algum tipo de agressão em sua aula.

Para o trabalho serão realizadas entrevistas e estas serão transcritas posteriormente. Trechos serão utilizados para análise e comparação com outras respostas.

Solicitamos, desta forma, seu consentimento garantindo que será mantido o anonimato do profissional, das crianças e da instituição. O trabalho não representará riscos ou desconfortos aos sujeitos e não haverá custos para nenhuma das partes envolvidas. Nos comprometemos, ainda, a assumir a responsabilidade por qualquer acontecimento que porventura ocorrer com a pesquisadora.

Nos colocamos a disposição para qualquer eventual esclarecimento.

Elaine Prodócimo
 Faculdade de Educação Física – Unicamp
 Tel. 3521-6635
 elaine@fef.unicamp.br

Natália Machado Rahal
 Graduanda em educação Física - Unicamp
 Tel. 3289-3339
 nati_rahall@yahoo.com.br

 Elaine Prodócimo

 Natália Machado Rahal

Eu, _____ RG _____ concordo em participar da pesquisa da aluna Natália Machado Rahal.

Campinas, _____ de _____ de _____

 Professor